

Onde está a Geração 90?

O *Cândido* apresenta um balanço sobre os 29 autores selecionados por Nelson de Oliveira para as antologias *Geração 90*, livros que movimentaram a cena literária brasileira no começo dos anos 2000





EDITORIAL

Rafael Roncato



No começo dos anos 2000, as antologias de contos *Geração 90 — Manuscritos de computador* (2001) e *Geração 90 — Os transgressores* (2003) causaram rebulição no meio literário brasileiro. Os livros provocaram reações díspares (amor e ódio) entre críticos e leitores. Exatamente o que queria o organizador da obra, o escritor Nelson de Oliveira, que à época percebia nos autores consagrados certa “miopia”, que não os deixava enxergar que uma nova leva de prosadores pedia passagem.

Hoje, mais de mais de 15 anos após os lançamentos das coletâneas, qual o balanço dessa geração? O ensaísta, escritor e crítico Luís Augusto Fischer, um leitor atento a tudo que acontece no Brasil em termos literários, traçou um panorama sobre os autores que figuraram nas ousadas coletâneas de Oliveira.

Em um primeiro texto, Fischer mostra como esses prosadores aos poucos passaram de apostas a realidades concretas da literatura nacional. “Dos 29 nomes presentes no conjunto da *Geração 90*, sem dúvida um punhado se consagrou, como é o caso evidente daqueles premiados. São escritores que hoje or-

çam, majoritariamente (os 75%), entre os 50 e os 60 anos — somos quase da terceira idade! Trata-se de gente que entrou para a leitura corrente dos escassos leitores brasileiros e nas listas e programas de vestibulares? Em parte sim.”

O crítico, em um segundo texto, faz uma análise da produção da *Geração 90* e afirma que esses autores, a maior parte oriundos da classe média, ainda estão devendo um livro sobre a corrupção que assola o país em anos recentes.

Já Nelson de Oliveira, em texto memorialístico, conta os bastidores do projeto editorial que deu visibilidade a novos autores brasileiros. O embrião das antologias, escreve Oliveira, surgiu a partir de encontros promovidos pelos escritores Marcelino Freire e Evandro Afonso Ferreira em um café de São Paulo: “Os encontros no Fran’s Café aproximaram um bom número de novos poetas & ficcionistas ávidos de atenção de escritores & críticos da Velha Guarda”. Para o antologista, olhando em retrospecto, “o saldo foi muitíssimo positivo”.

A edição 78 do **Cândido** traz o registro da participação de Paulo Lins no projeto “Um Escritor na Bibliote-

ca”, em novembro. O escritor carioca, que iniciou como poeta, contou como escreveu *Cidade de Deus*, inicialmente concebido para ser um ensaio. Ele afirmou que seu plano era produzir algo para ajudar a diminuir a violência. No bate-papo mediado pelo jornalista Yuri Al’Hanati, Lins disse, entre outras coisas, que a droga não faz mal, e que o problema é o tráfico de armas, algo, segundo ele, pouco discutido no Brasil.

A terceira entrevista da série “Os Editores” é com Jacó Guinsburg [foto], de 96 anos — conteúdo produzido por Ronaldo Bressane. Marcio Renato dos Santos fez uma ampla reportagem sobre a produção do escritor, compositor e cantor pelotense Victor Ramil, que acaba de lançar *Campos neutrais*, o seu 11º álbum.

Entre os inéditos, o **Cândido** publica poemas de Marcelo De Angelis e Priscila Merizzio, e uma narrativa, acompanha de uma breve entrevista, de Marcelo Degrazia, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2017 na Categoria Contos.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiário:

João Lucas Dusi.

Diagramação:

Thapcom

Colaboradores desta edição:

Caco Galhardo, Higor Oratz, Luís Augusto Fischer, Marcelo De Angelis, Marcelo Degrazia, Ronaldo Bressane, Rafael Roncato, Nelson de Oliveira, Priscila Merizzio.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

Acompanhe o Cândido pela internet:

candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento:
segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CÂNDIDO *indica*

ENTRE FACAS, ALGODÃO

João Almino,
Record, 2017

Em sua mais recente narrativa ficcional, João Almino apresenta um personagem que deseja acertar as contas com o passado. O protagonista é um advogado, de 70 anos, que vive em Taguatunga, no Planalto Central, e viaja rumo ao Nordeste brasileiro. Mesmo visitando cenários onde teve as primeiras descobertas e decepções, ele não encontra o que busca. Supostas certezas, por exemplo, informações sobre a sua família, se desmancham diante de evidências. Construída pelo diário do personagem central, a narrativa revela sua fragilidade e outras misérias humanas. *Entre facas, algodão* confirma a capacidade narrativa de Almino, autor que já conquistou o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon com o romance *Cidade livre*.



NA RUA: A CAMINHO DO CIRCO

Assionara Souza,
Arte & Letra, 2015

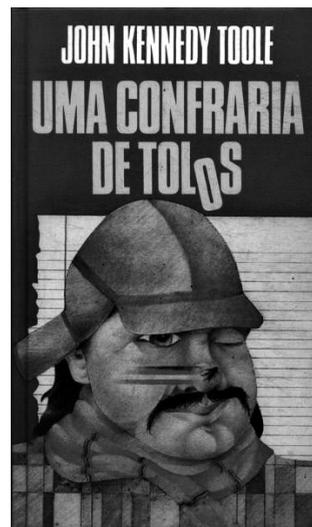
Este livro reúne breves narrativas nas quais a autora apresenta aos leitores enredos e personagens variados. Há uma mulher (Geraldine) que adora morder copos de vidros. Romão é um domador de leões. Tem uma sacerdotisa que é viúva e está senil. Em outro conto, um mágico é entrevistado. O Sebo Confraria é cenário de algumas histórias, o que sugere que os textos de Assionara, reunidos nesta obra, dialogam uns com os outros, formando — também — uma longa narrativa. Leitora e admiradora da obra de Osman Lins, a escritora — nascida em Caicó (RN) e radicada em Curitiba — já apresentou experimentos literários instigantes em livros publicados anteriormente, entre eles *Cecília não é um cachimbo* (2005) e *Amanhã com sorvete* (2010).



UMA CONFRARIA DE TOLOS

John Kennedy Toole,
Círculo do Livro, 1986

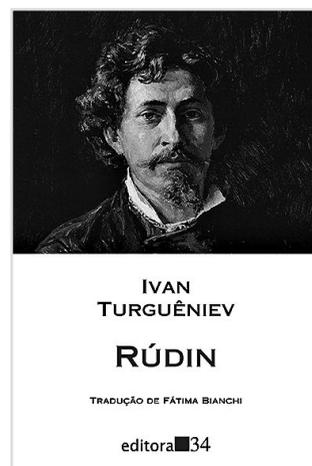
Ignatius J. Reilly, glutão, vadio e mitômano, tem 30 anos e mora com a mãe. Apesar de sua extensa formação acadêmica, ele passa os dias em seu quarto escrevendo o que acredita ser uma grande obra. Vivendo na pobreza e cansada do temperamento do filho, a mãe o manda arranjar emprego. De encarregado nas Calças Levy a vendedor de cachorro-quente, Ignatius passa seus dias tentando driblar os afazeres e acaba envolvido em conspirações e perseguições. O norte-americano John Kennedy Toole cria uma tragicomédia em torno desse anti-herói, relacionando-o com personagens caricatos e exóticos, disparando críticas ferrenhas contra a sociedade americana com muito humor.



RÚDIN

Ivan Turguêniev,
Editora 34, 2012

À primeira vista, este que é o romance de estreia do russo Ivan Turguêniev pode parecer tratar de banalidades, tendo como cenário principal a casa de província da viúva Dária Mikháilovna e seu círculo social. A reviravolta acontece quando o personagem homônimo do livro entra em cena. Com a chegada do eloquente anti-herói são elaboradas reflexões sobre o amor e o sentido da vida, entre outras tantas, fazendo o leitor se aprofundar nos meandros da psique de Rúdin, figura interpretada pelos contemporâneos de Turguêniev, no século XIX, como a representação do “homem supérfluo” daquela época: cheio de ideais e paixões, mas incapaz de agir de fato, fadado a ser marginalizado pela sociedade aristocrática.

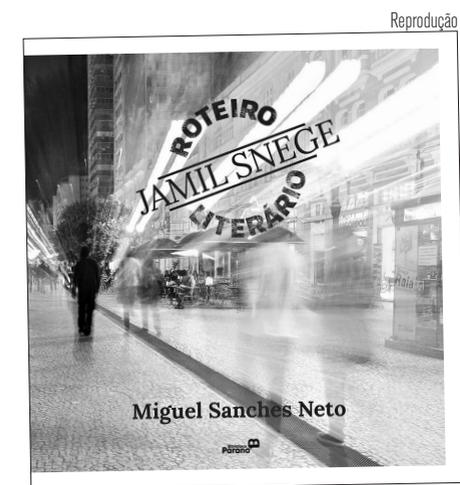


CURTAS DA BPP

Antologia Poética

O poeta, compositor e professor Marcelo Sandmann acaba de lançar o livro *Antologia Poética (1987-2017)*, reunindo versos escritos e publicados ao longo de 30 anos de atividade literária. O livro abre a coleção *Antológicos*, idealizada pelas editoras Kotter e Ateliê, que irá publicar antologias de poetas brasileiros contemporâneos. Professor do Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Sandmann é autor dos livros de poemas *Lírico renitente* (2000), *Criptógrafo amador* (2006), *Na franja dos dias* (2012), *A fio* (2014) e *Sangue na guerra* (2016).

Roteiro Literário

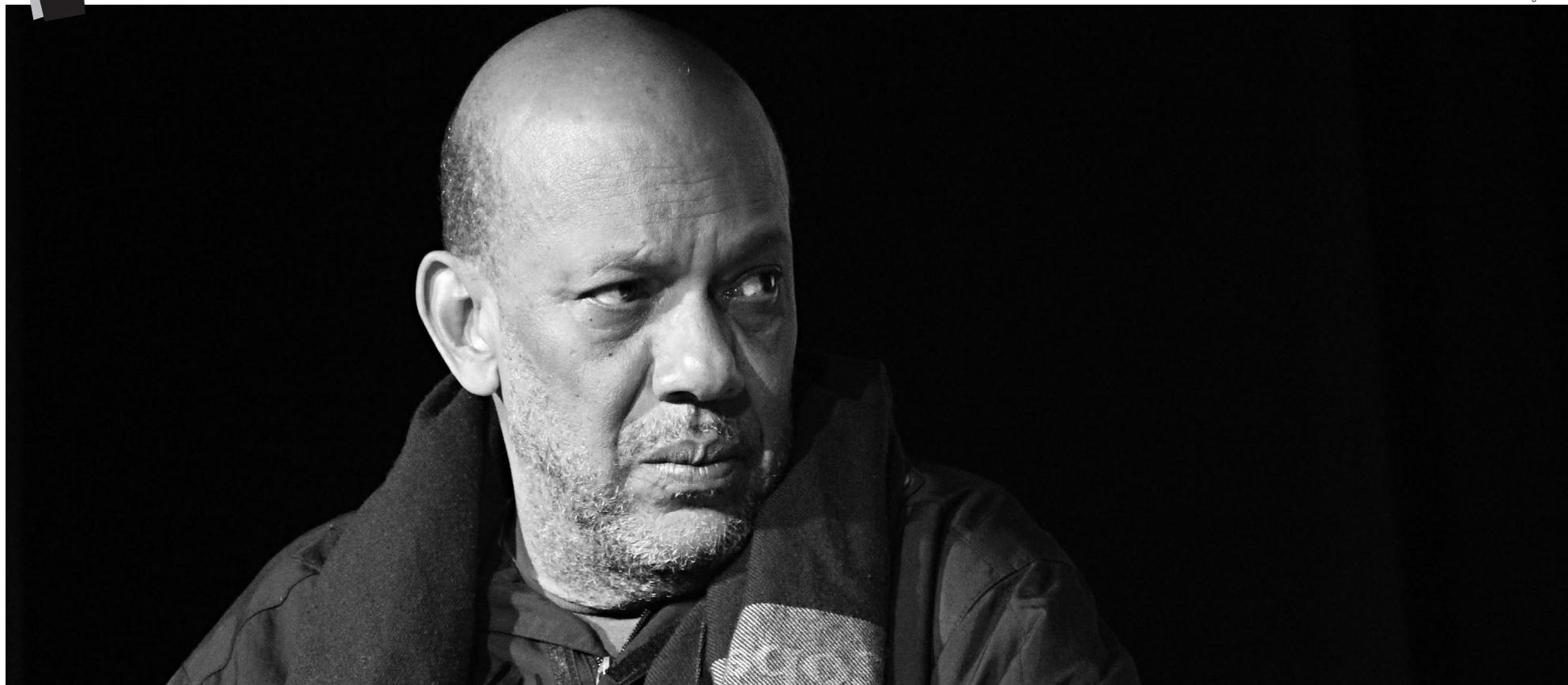


O selo Biblioteca Paraná, da Biblioteca Pública do Paraná, lançou o livro *Roteiro Literário — Jamil Snege*, escrito por Miguel Sanches Neto. Idealizada pela BPP, a coleção *Roteiro Literário* traz a cada título um ensaio inédito sobre a vida e a obra de um escritor paranaense já falecido e uma relação dos locais que ele frequentava, conteúdo ilustrado por fotografias produzidas para o projeto. Se o autor do ensaio conheceu pessoalmente o escritor homenageado, o título em questão também abre espaço para um capítulo sobre esse convívio.



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Fotos: Higor Oratz



Paulo Lins

DA REDAÇÃO

A trajetória do escritor carioca Paulo Lins é pautada por uma série de lances imprevisos. Com formação na poesia, seu projeto de maior visibilidade nasceu com a proposta de ser um trabalho sociológico e acabou se tornando um dos romances mais importantes da literatura brasileira contemporânea. *Cidade de Deus*, o livro em questão, que Lins publicou em 1997, ultrapassou as fronteiras do país e ganhou o mundo após a adaptação cinematográfica feita por Fernando Meirelles e Kátia Lund em 2002.

O escritor falou sobre sua improvável história literária na edição de novembro de 2017 do projeto Um Escritor na Biblioteca, que contou com a mediação do jornalista Yuri Al'Hanati. “Nunca pensei em escrever um romance. Eu militava na poesia. Aí escrevi cento e poucas páginas do *Cidade de Deus* e mandei para o Roberto Schwarz, que é um dos grandes críticos literários do Brasil. Ele gostou.”

Lins estreou em 1986, com a coletânea de poemas *Sobre o sol*. Nessa época, conheceu o poeta curitibano Paulo Leminski, que ainda hoje segue como uma de suas maiores influências literárias. O romancista ainda lembrou de outros autores fundamentais em sua formação, como os franceses Michel Foucault e Jean Genet.

O autor de *Cidade de Deus* tam-

bém comentou sobre o processo de criação de seu *best-seller*, que envolveu uma série de entrevistas com chefes do tráfico de drogas do Rio de Janeiro. “Comecei a entrevistar bandido, para horror da minha mãe. Quando iniciei a pesquisa, já dava aula na Cidade de Deus, perto da minha casa. Então eles tinham um certo respeito comigo, porque eu era universitário, professor, aí aceitaram falar. Era engraçado porque eles começavam a falar e não paravam mais. Mentiam muito”, diz o autor.

Após o enorme êxito de *Cidade de Deus*, Lins se tornou roteirista de alguns episódios do seriado *Cidade dos Homens*, veiculado pela TV Globo. Também recebeu o prêmio de melhor roteiro da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) por seu trabalho em *Quase dois irmãos*, dirigido por Lúcia Murat. Em



O escritor Paulo Lins com o jornalista Yuri Al'Hanati.

2012, após um longo hiato, lançou seu segundo romance, *Desde que o samba é samba*. Confira, a seguir, os principais momentos da conversa.

Formação

A leitura para mim não começou em uma biblioteca. Ela começou em casa. Eu ouvia as pessoas contando histórias — os mais velhos, meus pais, meus avós, minhas tias, os vizinhos. Era uma época em que ainda não havia televisão, colocávamos os banquinhos do lado de fora de casa e ficávamos ali, comendo as coisas que mamãe fazia, que a tia fazia — biscoito, bolo, tomando chá. E nessas rodas tinha muita história de assombração, sobre o Nordeste, pois meus pais são baianos. Era uma coisa muito forte para mim ouvir as histórias dos mais velhos.

“ Todo dia eu elejo um poeta favorito.”

Biblioteca

A biblioteca eu só fui frequentar na época do ginásio, mas não na escola, pois a escola pública não tinha biblioteca. Eu pegava um ônibus e ia fazer pesquisa. Eu não era uma pessoa que tinha biblioteca ao lado da minha casa. Era muito difícil, sempre foi muito difícil. A biblioteca entra mesmo na minha vida quando vou para a faculdade. Comecei a frequentar a biblioteca porque não tinha dinheiro para comprar livro. Passava o dia lá. Hoje quase não frequento porque ganho muito livro.

Samba-enredo

Eu tinha uma máquina de escrever e, na escola, era bom em português. Os compositores escreviam e eu ia mexendo nos textos. Tinha sambista que falava assim: “Olha, se você quiser dar uma floreada aí — floreada é muito bom, né? —, pode florear um pouquinho”. Eu trabalhava nos textos e, quando via, já era parceiro de várias pessoas, porque havia mudado algo. E nessa questão, há uma regra: se você botar uma palavra no poema do outro, torna-se parceiro. Até que fiz meu próprio samba-enredo. Comecei a fazer samba, depois fui para festival de música e na faculdade veio a poesia.

Pesquisa Antropológica

Não era minha intenção tornar *Cidade de Deus* um romance. Era para ser um relato sobre a minha vida na comunidade, um trabalho de antropologia que falava sobre criminalidade. Minha intenção era tentar diminuir a violência policial contra os meninos na favela. Foi um trabalho político, social. Fiz por isso. Com rigor científico, pesquisando. Achava que esse livro ia cair apenas nas mãos dos estudantes de História, Antropologia e Sociologia. Minha intenção era diminuir a violência. Achava que o leitor entenderia o livro, pois ali o bandido fala. Nunca entrevistem um bandido, é muito difícil. Mas eu queria mostrar o que ele pensa.

Entrevistas

Comecei a entrevistar bandido, para horror da minha mãe. Porque em

>>>



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

uma favela como a Cidade de Deus, com 300 mil habitantes, a gente não conhece os bandidos. Tem gente que mora na favela e nunca falou com bandido. E quando iniciei a pesquisa, eu já dava aula na Cidade de Deus, perto da minha casa. Então eles tinham um certo respeito comigo, porque eu era universitário, professor, aí aceitaram falar. Era engraçado porque eles começavam a falar e não paravam mais. Mentiam muito. “Ah, eu matei fulano”. Quanto mais perigoso o bandido for, melhor. Isso dá mais status a ele. Também entrevistei gente na cadeia. No sistema penitenciário, falei com muita gente.

Primeiro romance

Nunca pensei em escrever um romance. Eu militava na poesia. Aí escrevi cento e poucas páginas do *Cidade de Deus* e mandei para o Roberto Schwarz, que é um dos grandes críticos literários do Brasil. Ele gostou. Depois disso comecei a ler desesperadamente. Li os filósofos, escritores franceses. Foucault, Jean Genet, os historiadores. Li sociologia. Li de tudo. Tem que ler tudo. Eu só estudava, passava o dia na biblioteca — lendo e escrevendo. Isso me influenciou.

Leminski

Curitiba foi a primeira cidade que eu visitei fora do meu Estado. Eu vim para participar de uma palestra do Paulo Leminski em um seminário. Sabe aquele cara chato que vende poesia de bar em bar, de mão em mão, que vai rodando, em eventos literários? Era eu. Eu também vendia camiseta com poemas, vendia cartão com poesia. Aí, nesse dia, o Leminski chamou todo mundo para ir à casa dele. Ficamos uma semana lá, fomos beber vinho numas adegas, enchemos a cara.

A poesia é a verdade

Todo dia eu elejo um poeta favorito. Esta semana eu estava com Augusto de Campos na cabeça. [Declamando] “Onde a angústia roendo um não de pedra/ Digere sem saber o braço esquerdo,/ Me situo lavrando este deserto/ De areia areia arena céu e areia”. De vez em quando lembro do Drummond: “Que é loucura: ser cavaleiro andante?/ Ou segui-lo como escudeiro?” Isso é lindo, porque fala do Dom Quixote. Você não sabe quem tá falando. O que é loucura? Posso errar, porque às vezes eu esqueço. “O que é loucura? Ser cavaleiro andante, ou segui-lo como escudeiro? De nós dois, quem é realmente o maluco? É aquele que mesmo acordado sonha doidamente, ou





aquele que mesmo vendado vê o real e segue seus sonhos pelas bruxas embruxado?” Quando você ouve um negócio desse, fica assim: “Nossa, como é que o cara faz um negócio desse?” Eu me lembro muito de Leminski... Uma vez fui ao bar, eu tinha 23 anos, e lá estavam Luiz Melodia e Paulo Leminski, bebendo e falando poesia. Isso foi no Largo da Ordem, aqui em Curitiba. Hoje cheguei cedo e comecei a andar pela cidade, lembrando aquele tempo que eu vinha para cá. Leminski e Melodia já morreram. Aí pensei: “Os dois já estão mortos, daqui a pouco sou eu”. Então me lembrei que Leminski falava que “a poesia é a verdade”. Aquilo que o poeta fala, ninguém pode dizer ao contrário. A poesia é a verdade.

Famoso

Um dia fui à banca e minha cara estava em todos os jornais. Voltei para casa e comecei a chorar. Fiquei uma semana sem sair de casa, achando que todo mundo ia me reconhecer na rua. Uma semana depois fui para a rua e ninguém me reconheceu. Não aconteceu nada. Mas quando o filme [*Cidade de Deus*] foi indicado para o Oscar, a coisa bagunçou.

O filme

No começo dos anos 1990 tinha saído *Carlota Joaquina, princesa do Brasil*, que deu início ao boom do cinema brasileiro, a conhecida “retomada”. O brasileiro começou a frequentar novamente o cinema. Vários bons filmes foram lançados: *Terra Estrangeira*, *Central do Brasil*, etc. *Cidade de Deus* veio nessa onda. Depois que o filme foi indicado para o Oscar, minha vida ficou

um inferno, mas também passou. Lembro que o Lula veio falar comigo, Fernando Henrique Cardoso veio falar comigo, todo mundo queria falar comigo. O Temer não, graças a Deus. Hoje vivo tranquilo. Mas o que eu queria mesmo é que o meu trabalho tivesse diminuído ao menos o tráfico de armas. Porque droga não faz mal a ninguém. A droga não mata. Falam muito do traficante. Gente, traficante é um pobre coitado. Tem tráfico de drogas em Barcelona, tem tráfico de drogas em Madrid, tem tráfico de drogas em Londres, tem tráfico de drogas em Nova Iorque, e não tem essa matança que tem aqui no Brasil. Ninguém fala sobre o traficante de armas, é muito difícil. A grande questão é a desigualdade social, esse racismo que a gente tem aqui no Brasil.

Roteiro

Quando mandaram o roteiro para mim, não quis ler. Nunca tinha lido um roteiro. Eu não era um animal cinematográfico, não era um cinéfilo. Meu negócio era literatura, tinha mais acesso ao livro. Nem ia muito ao cinema. Quando vi o filme, eu também pensei: “Ah, misturou tudo”. Hoje, que sou roteirista, acho que o Bráulio Mantovani fez um grande trabalho. O filme me ajudou muito, comecei a vender no mundo todo. Esse filme me levou para um monte de lugares.

Hiato

Depois da minha estreia, todo mundo perguntava qual seria o próximo livro que eu escreveria. Mas sou carioca, e não gosto de trabalhar. Não gosto mesmo. Eu estava ganhando dinheiro, viajando o mundo todo, ia ficar

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

sentado lá no quarto escrevendo igual a uma vaca? Não mesmo. Vendia os direitos do livro para os Estados Unidos e, claro, entrava dinheiro na minha conta. Sempre estava entrando dinheiro. Então não ia trabalhar. Quando meu filho nasceu, nos 6 primeiros meses, chovendo ou fazendo sol, ele foi à praia todos os dias. A meta que eu persegui, durante dois anos, e que consegui cumprir, foi ir à praia todos os dias beber cerveja. Só lia e viajava. Até ganhei uma bolsa para ficar nos Estados Unidos e escrever um livro. *Desde que o samba é samba*, meu segundo romance, ganhou uma bolsa. O pessoal queria me obrigar a escrever. Aí, a editora me adiantou R\$ 100 mil. Naquela época era um bom dinheiro.

Segundo livro

Fui para Alemanha e acabei morando no mesmo prédio que o João Ubaldo Ribeiro. Imagina o que que a gente bebia naquela Alemanha? Eu enchia a cara todo dia. Não escrevi nada! Me pagaram 10 anos antes, e eu entreguei o livro 10 anos depois. Eu bebia e pensava: “Ah, não, não vou escrever”. Mas comecei a ficar sem grana e resolvi fazer o livro. Aí comecei a fazer cinema, fui para a televisão. Se eu pudesse, ficava só de boa. Por que eu vou ficar escrevendo? Você escreve, mas aí tem que reescrever 10, 15 vezes. O Arnaldo Antunes falou uma coisa interessante: que escrever é fácil, difícil é reescrever. Para ficar bom, você tem que reescrever umas três, quatro, cinco, seis, sete, oito, dez vezes.

Arte salva

Em *O arco e a lira*, o escritor Octavio Paz fala que as coisas mais importantes que a gente tem são os deuses e

a arte. Porque as nossas necessidades fisiológicas — beber, comer, dormir e se reproduzir — também são as necessidades dos outros animais. O que a gente faz de diferente é a cultura. É a História. Ele fala que tudo é substituível: a casa substituiu a caverna, o carro substituiu a carroça, a metralhadora substituiu o arco e flecha, etc. Tudo foi substituindo. Mas o Guimarães Rosa não substituiu o Machado de Assis. *A Ilíada* não substituiu a *Odisseia*. E muito menos São Jorge substituiu Ogum. Assim como Jesus Cristo não substituiu Oxalá.

Negro

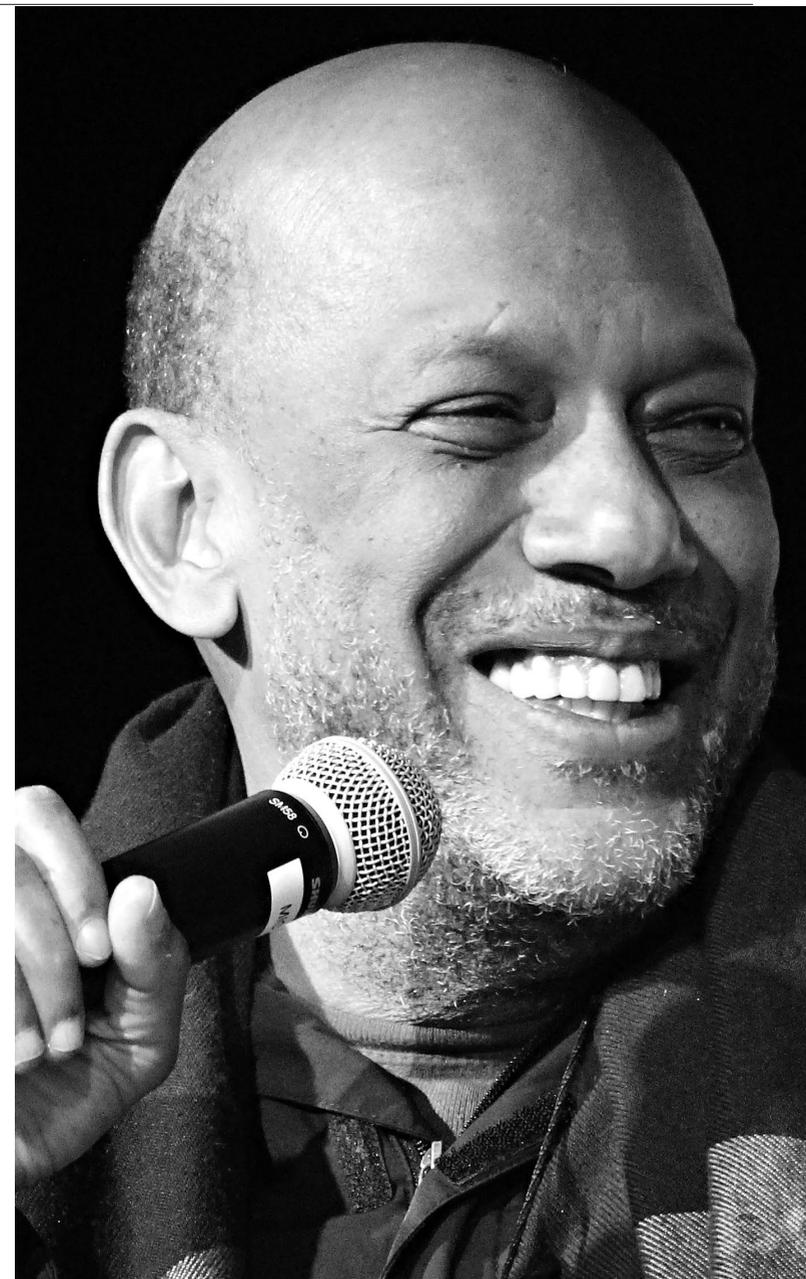
O negro poderia entrar para a história do Brasil pelo trabalho. E não entrou. O negro é quem deveria ser rico. Na escravidão, quem produziu foi o negro. Mas ele se insere através da cultura. O Mario de Andrade sai de São Paulo, junto com o Heitor Villa-Lobos, e vai para o Rio de Janeiro encontrar Ismael Silva, encontrar Pixinguinha, encontrar Senhor, encontrar Manuel Bandeira. O negro só vai entrar no sistema da formação do país através da cultura.

Trabalho de roteirista

Quem começou com isso foi a Kátia Lund e o Cacá Diegues. O Cacá me chamou para fazer diálogos do roteiro de *Orfeu da Conceição*. Depois me chamaram para fazer cinema e fui fazendo porque pagavam bem.

Samba

O Lira Neto fez uma pesquisa interessantíssima para escrever *Uma história do samba*. Ele é um grande pesquisador e jornalista. Mas lógico que há grandes diferenças entre o livro dele,



que é um trabalho de pesquisador, e o meu, que é um romance [*Desde que o samba é samba*], onde eu tinha que botar trama, personagens, sexo, amor, morte.

Autores contemporâneos

Li *Luxúria*, do Fernando Bonassi, e adorei. Marcelino Freire também adoro. *Sem açúcar*, da Flávia Helena, que li agora, é maravilhoso. Recentemente li *M 8 — Quando a morte socorre a vida*, do Salomão Polak. Gostei tanto que estou fazendo uma adaptação para o cinema. É um livro sobre um cotista negro que entra em



“Nunca pensei em escrever um romance. Eu militava na poesia.”

uma faculdade de Medicina. Ele é o único negro. Aí vem os mortos para serem examinados e são todos negros.

Cultura negra

Para eu estar aqui, muita gente morreu. A gente não pode esquecer disso. Zumbi morreu. Muitas pessoas foram presas. Para eu poder estudar, para eu fazer uma faculdade... Então tenho

que resgatar a cultura negra, trabalhar com isso, para a gente evoluir. O Saramago, quando ganhou o Nobel, lembrou que o homem evoluiu tanto tecnologicamente, mas continua matando. Só que a gente não mata mais de taca-pe, não mata mais de catapulta. Matamos de metralhadora. O cara não vai gostar de mim porque eu sou negro. Por quê? Eu não queria mais falar sobre

isso. Queria escrever um livro sobre sexo, sobre amor. “Ah, eu te amo, te adoro”. Aí ele vai atrás da mulher, a mulher vai atrás dele, aí separa, aí termina com aquele beijo e foram todos felizes para sempre. Queria escrever um livro assim.

Edição

Quando escrevi *Cidade de Deus*, coloquei o nome dos bandidos, como eles eram conhecidos porque queria que o pessoal da favela lesse o livro. Era uma forma de aproximar a literatura do povo que deu origem ao livro. Mas aí começou um monte de processo e tal, e mudei os nomes [em edições posteriores].

Comunidade

Quando comecei a escrever *Cidade de Deus*, já não morava mais na comunidade. Já tinha saído de lá, aí voltei só para fazer entrevistas. Depois que lancei o livro e saiu o filme, eu ia lá só para visitar amigos e familiares. Só que se passaram 30 anos, né? Os mais velhos morreram. O pessoal da minha idade se mudou. Hoje tenho uma relação mais política com o local. Vou lá para inaugurar uma biblioteca, uma escola, etc. Mas eu não tenho mais o grupo de amigos da minha época. Foi tudo para o Facebook.

A escrita

Antigamente eu tinha necessidade de escrever. De vez em quando pego e faço um verso. Mas só escrevo quando sou obrigado. Eu queria mesmo era ficar na cama, tomando cerveja, comendo churrasco. Mas tem que trabalhar. Mas não gosto de trabalhar. Nunca gostei. Só trabalho quando estou duro. Acabou o dinheiro, vou lá e trabalho.

Leitura

Falo que não gosto de trabalhar, mas gosto de ler. Não nasci essa coisa fofa que sou hoje, eu não era assim. Nasci na favela, no meio de bandido, machista, homofóbico. Mas só me transformei através da leitura, através dos livros, assim me formei cidadão e me humanizei. É por isso que falo para os meus filhos que o estudo é aquilo que só o ser humano tem. A leitura também. A arte de um modo geral. Hoje sou uma pessoa menos machista — a gente nunca deixa de ser machista, porque o sistema é assim —, mas eu batalho para não ser machista, fico me vigiando para ser menos homofóbico, menos racista — porque, com tanta dor, a gente acaba sendo racista. Acho que o livro ainda é o que nos sustenta, que nos leva para frente. ■



As possibilidades de Satolep

Em seu 11.º álbum, *Campos neutrais*, o cantor e compositor pelotense **Vitor Ramil** aprimora ainda mais suas composições, em que música e, principalmente, letras sofisticadas dialogam com a literatura, expressão artística pela qual ele também transita

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Além da qualidade das letras, *Campos neutrais*, título do 11.º álbum de Vitor Ramil, faz referência a uma faixa de terras da região sul do Brasil, onde, no século XVIII, estava proibida qualquer hostilidade entre portugueses e espanhóis, povos que disputavam o domínio do local. “O espaço tinha suas próprias leis”, comenta o cantor, compositor e escritor gaúcho.

A escolha da região, um espaço incomum, para batizar o álbum dialoga com uma opção do artista, que desde os 17 anos vale-se do nome Satolep (Pelotas ao contrário) para se referir à cidade onde nasceu e vive. “Mas não é a cidade oficial, e sim outra Pelotas, uma cidade ‘interna’”, conta Ramil, hoje com 55 anos.

Satolep dá nome a um livro, uma canção, um álbum, aparece em composições e é, portanto, uma expressão-mote recorrente na obra do artista. Segunda música de *Campos neutrais*, “Satolep fields forever” estabelece pontos de contato com “Strawberry fields forever”, de *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, álbum que completou 50 anos em 2017.

Campos neutrais traz elementos presentes em obras anteriores de Ramil. Há músicas cantadas a partir de um dedilhado no

violão já conhecido pelo público do compositor, versões, artistas convidados, um possível *hit*, a voz peculiar do cantor e faixas que interrompem o fluxo do álbum.

“Se eu fosse alguém (Cantiga)”, a oitava canção, é um poema do português António Botto (1897-1959) cantado pela sobrinha de Ramil, Gutcha, sem música, o que tende a provocar estranhamento em quem escuta *Campos neutrais* na sequência — mesma surpresa que “Nino Rota no Sobrado/ Tango da Independência” causam naqueles que ouvem, ao menos na primeira audição, *Tango*, álbum de 1987.

Em seguida, tem “Palavra desordem”, uma convocação para revolta: “Façam a revolução/ Rompam, desarrumem, desacatem/ Zombem de Bo-

naparte”. A próxima canção é “Durme, Montevideo”. Difícil não associar as duas composições ao *zeitgeist*: “Palavra desordem” se afina com as manifestações de 2013, e “Durme, Montevideo” faz alusão ao que o país vizinho representa após o governo José Mujica, nas palavras de Ramil, “um local avançado”. “Não tinha me dado conta disso. Há mesmo conexão entre as duas músicas e essas tensões sociais recentes”, diz.

Mas a capital do Uruguai — destino turístico de universitários e adultos brasileiros — não é novidade para Ramil. O seu avô paterno, Manuel, fixou residência na cidade, onde o então menino Vitor passou temporadas.

Coincidência, ou não, a sétima canção do álbum, “Terra”, é uma versão de “Tierra”, do galego Xöel Lopez. Ramil a conheceu quando esteve em Santiago de Compostela, na Espanha, e diz ter se emocionado com a composição: “Tem uma conexão forte, de ‘espírito’ ou por causa das minhas origens. Afinal, o meu avô, Manuel, veio da Galícia. Senti e sinto, mesmo, uma sintonia com a música do Lopez”.

A versão de Ramil, candidata a *hit*, traz uma sequência de versos surpreendentes: “E me vêm algumas rimas à mente fatigada/ Partes de poemas que eu tinha abandonado/ Melodias que uma vez pensei que ia perder/ Se tornam hoje belas e valentes sinfonias// E faz tempo que eu já me fui/ Pois sempre estou partindo/ Mas eu sempre estou contigo/ Mesmo quando tenho o ar distante/ Quando fico assim olhando/ Como se estivesse ausente/ Tô só viajando/ Não penses que estou me perdendo”.

Campos neutrais também confirma a admiração de Ramil por *Desire*, o>>>





sétimo álbum de estúdio de Bob Dylan, de 1976. Ele transformou “Sara”, nona composição do disco, em “Ana” — e, a exemplo da proposta original, o pelotense também dedica a canção a sua esposa. Em *Tango*, de 1987, Ramil já havia feito uma versão para “Joey”, do mesmo LP do compositor norte-americano, batizada de “Joquim”: “É prazeroso ‘versionar’ Dylan”.

Diálogos ramilianos

Zeca Baleiro e Chico César, parceiros de geração de Ramil, são alguns dos artistas que participam de *Campos neutrais*, além de Felipe Zancanaro, guitarrista da banda Apanhador Só, e do violonista argentino Carlos Moscardini, entre outros. Mas o que chama atenção é o interesse literário do cantor evidenciado pela interlocução com a poeta Angélica Freitas.

“Stradivarius”, quarta faixa do álbum, é um poema de Angélica Freitas musicado por Ramil. Em 2008, o artista publicou o romance *Satolep* e, pouco antes do lançamento, o seu editor, Augusto Massi, sugeriu a leitura de um livro de uma conterrânea do artista — justamente Angélica Freitas. “Gostei demais da poesia dela”, conta. A autora estava vivendo na Europa e, naquele contexto, eles não se conheceram.

No romance *Satolep*, o personagem Selbor retorna à cidade e se reúne com artistas em busca de algo indefinido. Ramil lembra que, após o lançamento do livro, Angélica também voltou para Pelotas e, a partir de então, eles puderam se conhecer e passaram a compor juntos. “Atualmente, temos 15 canções. Pretendo gravar um ál-



O 11.º álbum do artista.

bum apenas com minhas parcerias com a Angélica [que hoje vive em São Paulo]”, anuncia.

A literatura está presente na vida de Ramil desde a infância. Na família, inclusive, esperavam que ele se tornasse escritor, apesar de os cinco irmãos serem músicos, entre eles Kleiton e Kleidir (autores das canções “Deu pra ti” e “Paixão”). “Estava sempre lendo, durante horas, todos os dias”, observa. Atualmente, lê menos do que gostaria — no momento, finaliza a leitura de *História social da música popular brasileira*, de José Ramos Tinhorão, e *Sapiens — Uma breve história da humanidade*, de Yuval Noah Harari.

As leituras e os autores preferidos de Ramil estão espalhados em sua

obra, indireta e diretamente. A letra de “Joquim” destaca que o personagem ficava no quarto lendo Artaud, Rimbaud e Breton. Em “Folhinha”, ele cita Hemingway. Já no romance *Satolep* há referências, entre outros autores, a João Simões Lopes Neto, Jorge Luis Borges, Fernando Pessoa e Alejo Carpentier.

Variações sobre o frio

Entre 1986 e 1992, Ramil viveu no Rio de Janeiro. Durante uma tarde, o artista gaúcho tomava chimarrão e assistia na TV a transmissão de um carnaval fora de época. “O âncora do jornal, falando para todo o país de um estúdio localizado ali no Rio de Janeiro, descrevia a cena com um tom de absoluta normalidade, como se fosse natural que

aquilo acontecesse em junho, como se o fato fizesse parte do dia a dia de todo brasileiro”, relataria Ramil, tempos depois, em um texto escrito.

Em seguida, o mesmo jornal mostrou a chegada do frio ao Sul. “O âncora, por sua vez, adotara um tom de quase incredulidade, descrevendo aquelas imagens do frio como se retratassem outro país (chegou a defini-las como de ‘clima europeu’). Aquilo tudo causou em mim um forte estranhamento. Eu me senti isolado, distante. Não do Rio Grande do Sul, que estava mesmo muito longe dali, mas distante de Copacabana, do Rio de Janeiro, do centro do país. Pela primeira vez eu me sentia um estranho, um estrangeiro em meu próprio território nacional; diferente, separado do Brasil”, escreveu no ensaio *A estética do frio*.

A partir da reflexão e do discurso, Ramil colocou em prática seu ponto de vista, o qual aponta que o artista do Sul não está à margem de um centro, o eixo Rio-São Paulo, mas no centro de uma outra história, com referências e imaginários diversos. O professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) Luís Rubira afirma que, com o álbum *Ramilonga — A estética do frio* (1997), Ramil consolidou-se como artista, abrindo a discussão e a compreensão sobre um fenômeno identitário e cultural: o de que o Rio Grande do Sul é um híbrido entre brasilidade e platinidade, ou seja, que possui elementos da cultura brasileira e da cultura do Uruguai e da Argentina.

“Depois de *Ramilonga*, novos discos se sucederam e, neste percurso, outros experimentos em relação à concepção da ‘estética do frio’. O repertório

Marcelo Soares

Vitor Ramil: letras e melodias elaboradas em diálogo com a ficção.



de Ramil foi tornando-se cada vez mais refinado”, comenta Rubira, autor do livro *Vitor Ramil: nascer leva tempo*.

O jornalista Juarez Fonseca tem a impressão de que Ramil elaborou a “estética do frio” por causa da própria obra e, também, para se contrapor ao tropicalismo, “movimento de ruptura que sacudiu a música popular, no entanto, mais ligado ao ‘calor’”. Com 40 anos de experiência na cobertura da área musical, Fonseca acompanha a trajetória do compositor desde 1980, quando ele lançou o seu primeiro álbum, *Estrela, estrela*.

No entendimento de Fonseca, Ramil é raro caso de artista “íntegro consigo mesmo”. “Ele segue produzindo canções que possuem letras extremamente buriladas, que flertam com questões filosóficas e dialogam com milongas, sem se pautar por tendências e modismos comerciais”, define Fonseca, que assina uma coluna quinzenal sobre música no jornal *Zero Hora*.

Complexidade e refinamento

Juarez Fonseca analisa que Ramil tem público fiel, “não tão amplo, porém sempre em expansão”, espalhado pelo país. De acordo com o jornalista, o compositor gaúcho “lota” teatros com capacidade de 100 e até 200 lugares. “Mas em Porto Alegre ele já levou para de mil pessoas para alguns shows. O repertório é refinado, portanto, não é para as massas”, completa.

Vitor Ramil afirma que suas músicas tocam pouco em rádios, enquanto as emissoras de TV não se interessam por seu repertório. Já os cadernos de cultura, dos jornais diários brasileiros, repercutem o que ele produz. “Mas a difusão do meu trabalho acontece mais

pelas plataformas digitais do que pela mídia convencional”, diz, salientando que tem consciência de que a realidade para um compositor brasileiro se alterou radicalmente nos últimos anos, devido ao impacto que a Internet causou na indústria cultural.

No momento, ele — também autor da novela *Pequod* (1995) e do romance *A primavera da pontuação* (2014) — tem dois projetos literários para desenvolver, talvez em 2018. Mas Ramil deve passar parte do ano divulgando *Campos neutrais* pelo Brasil, inclusive em Curitiba, onde tem interlocução: “Os curitibanos apreciam e parecem compreender a minha produção”. Produção essa que, de acordo com Luís Rubira, rompeu com a imagem caricatural do gaúcho, “o sujeito separatista, cujo culto é entoado nos Centros de Tradição Gaúcha (CTG’s), construção histórica disseminada a partir da década de 1940”.

Tal caricatura (gaúcho de bombacha e cuia de chimarrão), completa Rubira, existe até hoje e tinha afastado o Rio Grande do Sul de estabelecer um diálogo natural com o Brasil. “Além disso, o gaúcho, como bem aprofundou Vitor na ‘estética do frio’, possui elos com a cultura platina”, pontua o professor da UFPel.

Rubira é enfático: quem não conhece a arte de Vitor Ramil, desconhece o Rio Grande do Sul profundo. “Ou seja, não tem acesso ao legado de um Estado cuja multiplicidade e complexidade já estavam presentes em Erico Verissimo, Dyonelio Machado, Lupicínio Rodrigues e outros, e que agora tem em Ramil um de seus momentos mais altos em termos intelectuais e artísticos”, afirma. ■

PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA

“O prêmio é o reconhecimento por uma vida de trabalho”

DA REDAÇÃO

O gaúcho Marcelo Degrazia foi o vencedor do Prêmio Paraná de Literatura na categoria contos (Prêmio Newton Sampaio), com *A bandeira de Cuba*. Henrique Schneider (RS), com *Setenta*, ganhou na categoria romance (prêmio Manoel Carlos Karam) e Sônia Barros (SP) venceu entre os poetas (prêmio Helena Kolody) com a coletânea *Tempo de dentro*. Cada autor recebe R\$ 30 mil e têm seus livros editados pelo selo Biblioteca Paraná.

Nesta breve entrevista, Degrazia fala sobre o processo criativo de sua obra, que traz nove longos contos, escritos em “44 dias corridos”. “Como alguns personagens estão presentes em vários contos, e mesmas referências de ambientes e assuntos aparecem aqui e ali, o livro ganhou uma batida de romance”, diz o escritor, cujo livro superou outras 571 obras de contos inscritas no Prêmio Paraná.

O conto é um gênero associado a relatos breves. Mas *A bandeira de Cuba* traz histórias longas. Fale um pouco de seu processo criativo, especificamente para esses contos.





São histórias de mesmos lugar e época (fronteira com Argentina, década de 1960), escritas em 44 dias corridos, com pontos de vista de um garoto, o que contribuiu para a unidade do livro. E como alguns personagens estão presentes em vários contos, e mesmas referências de ambientes e assuntos aparecem aqui e ali, o livro ganhou uma batida de romance. Guardadas as distâncias, ao ler *Vidas secas* fiquei com a impressão de ter lido um livro de contos, e ao terminar de escrever *A bandeira de Cuba* fiquei com a impressão de ter escrito um quase romance. A longa extensão da maioria dos contos se deve ao fato de ter forçado deliberadamente a estrutura do gênero, fui abrindo para ver até onde podia chegar sem perder a feição de conto. Ganhei relevo nos assuntos e profundidade nos temas. Tenho outros livros de histórias curtas, na linha clássica defendida por Poe e Cortázar em suas teorias sobre o gênero, e outros mais experimentais na linguagem e na estrutura.

Um dos temas que permeia *A bandeira de Cuba* é a política. Como a arte pode ser política sem ser panfletária? Isso é algo que te preocupa na hora de escrever?

Não é o tema (político ou não) que determina se a arte é panfletária, mas o seu tratamento. Todos os temas (e assuntos, se entendermos estes como formas de tratar o tema) podem ser abordados na literatura. Entretanto, ao introduzi-los no campo literário, o escritor deve submetê-los aos princípios e estratégias de sua poética, ou seja, é o literário que orienta e domina o campo. Ao contrário, quando o es-

critor utiliza ou cede os elementos propriamente literários ao domínio de outro campo a fim de provar, defender ou panfletar ideias, ele estará fazendo subliteratura, ou literatura sectária, ou utilitária. O realismo socialista, na Rússia soviética, é um exemplo clássico de submissão da literatura a uma ideologia política. E o grande sintoma disso é o relaxamento poético, que provoca o afrouxamento e o convencionalismo da linguagem. As ideias, em literatura, estão diretamente associadas ao material e seu tratamento, é por aí que se pode medir o engajamento do artista, afinal toda poética é política. O problema é constituir e definir o campo literário, organizar os materiais até encontrar a forma mais adequada de tratamento. Ainda assim, por maior que seja a fusão de gêneros e discursos, quem está no comando do processo é o literário.

O conto escolhido pelo *Cândido* para ser publicado nesta edição, “Homem circular”, remete a “Um artista da fome”, de Franz Kafka. O autor tcheco é uma de suas referências literárias? Aliás, quais são os autores que fizeram e fazem sua cabeça?

Fico feliz com a associação. Percebi semelhanças com o conto de Kafka perto do final, e isso não me angustiou. Sempre li o conto referido como metáfora do trabalho artístico, e o “Homem circular”, guardadas as diferenças, é também isso. Kafka, juntamente com Borges, Cortázar e Tchekhov, foi uma das grandes paixões no final da adolescência e início da juventude. Ao lado de Voltaire, Boccaccio, Simões Lopes Neto, Poe e, claro, o Machado de Assis de “Missa do Galo” e “Cartomante”, me impulsionaram a escrever meus primeiros contos. Depois vieram Scliar, Joyce, Mansfield, James, Fonseca, Trevisan, Carver, Faraco, Cheever, Babel, etc.

O que representa a vitória no Prêmio Paraná de Literatura para sua carreira?

Quero valorizar o caráter nacional do prêmio, promovido por uma biblioteca pública de estado, sem o nome dos candidatos nos manuscritos. Infelizmente, prêmios de outros estados não seguem tais critérios. A edição deste ano foi a mais democrática, pois as inscrições foram via internet, gratuitas, poupando celulose e facilitando o acesso a todos. Estou muito feliz, o prêmio é o reconhecimento por uma vida de trabalho. Espero que ajude a tirar das gavetas os meus outros livros (de contos e romances). ■



HOMEM CIRCULAR

Nunca soube de onde ele veio, nem para onde foi. O pai na época era tesoureiro do Rotary, pagaria em nossa casa o cachê do homem depois da apresentação. Jamais houve algo parecido em São Donato. A quebra do cotidiano era causada pelas passeatas do 14 de Julho ou do 24 de Maio, o nosso clássico 38, explosivo depois de grandes vitórias e títulos. Ou nas noites de comício político em vésperas de eleições, quando o pai nos levava de um palanque — o da situação — a outro — o da oposição.

— Pra conferir o ajuste dos discursos à realidade do país — dizia com um sorriso matreiro.

A quebra do ritmo também ocorria nos desfiles do Carnaval ou da Semana da Pátria, como em todo o país. Em outras ocasiões era uma velha Dodge, com um megafone instalado na capota, que circulava pela cidade anunciando leões, elefantes, o Zé Chuisco e acrobatas da corda bamba. Às vezes, era a presença angulosa e enviesada dos ciganos nas esquinas do centro, os homens com lenço vermelho no pescoço e as mulheres com lenços de seda coloridos na cabeça. Eles armavam suas tendas num terreno baldio, no descampado entre o cemitério e o quartel, e dali saíam para ler as mãos e fazer seus negócios.

O anúncio de que a Praça Matriz seria palco do número sobre-humano deixou São Donato excitada. Aquelas intervenções urbanas já faziam parte da memória da cidade. Quebravam a monotonia, mas de um modo previsível, à exceção talvez das passeatas do futebol, que coloriam a cidade ora com o verde do 14, ora com o vermelho do 24. Então, quando o carro de

som e a rádio anunciaram a apresentação do homem da bicicleta, ficamos numa expectativa maluca.

Nos dias anteriores à apresentação não falamos noutra coisa. Ele já fizera sucesso em Porto Alegre e Caxias do Sul, com reportagens nos jornais locais — o que se repetia agora com A Semana de São Donato. Por onde passava, ele atraía uma multidão de curiosos. Crianças, jovens e adultos, todos queriam testemunhar a suspensão do calendário por uma promessa de magia.

A apresentação era um dos eventos dos Jogos da Primavera, outra das ocasiões programadas que mobilizavam a cidade. Seria no coração da Praça Matriz, nos ladrilhos que circulavam o monumento central doado por Alvear. A coluna de pedra — de onde um arco de concreto, a partir de seu topo, descia até o chão para formar a linha de um quadrante — era presente da cidade argentina a São Donato, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil. Uma de nossas brincadeiras era tentar escalar o arco, muito íngreme próximo ao chão e de altura ameaçadora no alto da coluna. Por isso mesmo, a brincadeira envolvia algum risco e um grande desafio. Ao passarmos por ali, ao longo dos anos, sempre nos aventurávamos sem sucesso. Por mais que embalássemos na corrida, logo em seguida ao arranque cheio de vitalidade e esperança, o semicírculo do quadrante era inacessível aos nossos esforços infantis.

Mas agora o centro da praça seria palco de uma proeza que superava com sobras nosso desafio. O homem da bicicleta, a não ser para ir ao banheiro públi-

co, deveria circular o monumento durante 24 horas, sem parar uma única vez. A largada, com a presença do prefeito, do cônsul e do comandante do exército, sob uma bateria de fogos de artifício, foi no início da noite, para que o maior número de pessoas pudesse assistir. O fim da prova coincidiria com o início da noite seguinte, essencial para a recuperação das forças do desafiante. A prefeitura estendeu um cordão por todo o perímetro da prova, circulando o passeio central por trás dos bancos voltados para o monumento. Por 24 horas o coração da Matriz ficaria isolado, e ninguém na cidade, a não ser o forasteiro da bicicleta e o homem autorizado a lhe alcançar as garrafas de água e suco, poderia pisar seus ladrilhos ou desafiar o perímetro do quadrante.

O homem era alto e magro, tinha um rosto comprido, ossudo, e cabelos ruivos encaracolados na testa. A sua pele era branca feito giz, tão branca e transparente que o sangue, com o esforço, lhe dava uma coloração rosada. Apesar de não possuir músculos avantajados, em especial nos braços e nas pernas, aparentava uma constituição sólida. Era jovem e sério; talvez a seriedade lhe viesse da concentração na tarefa, pois não lembro um único sorriso seu durante a prova.

Na largada, transmitida ao vivo pela rádio, a cidade fazia em torno desse palco improvisado um groso cordão humano. Eram centenas de curiosos: as crianças enfiadas por entre as pernas dos pais ou nos seus ombros, sentadas na grama ou junto aos bancos, e os adultos ansiosos para testemunhar o prodígio de uma boa história para contar. Muitos duvidavam abertamente do sucesso do homem, arriscavam a hora ou o número da volta em que ele pegaria no sono; um bom número, com olhos brilhantes e boca rasgada, ficava numa expectativa maravilhada, enquanto alguns apostavam que ele sairia vencedor do desafio.

Quando ele deu a partida, em sentido horário, prorromperam palmas e gritos de apoio de todos os cantos da praça. O homem arrancou como se sua presença estivesse sendo aguardada com urgência num local previamente assinalado. Com pedaladas firmes e ritmadas, imprimiu grande velocidade já nas primeiras voltas, o cabelo esvoaçando; por certo ia contagiado pelo entusiasmo do ambiente. Talvez fosse para garantir uma vantagem segura, que lhe seria de alguma maneira proveitosa mais adiante, embora tal estratégia parecesse inútil num trabalho dominado pela circularidade de um tempo limitado. Na cabeça dele, ainda que o trecho percorrido pudesse parecer sempre o mesmo, e com a mesma carga de esforço, ainda assim seria diferente e inusitado, sobretudo por integrar uma luta pessoal contra o relógio e sua própria resistência num ambiente novo, seus limites postos à prova mais uma vez.

Ele vestia camiseta de física grená, calções azuis com frisos brancos e tênis

preto. Como não era sua primeira vez, devia estar com toda a prova na mente. A memória das outras devia guardar as armadilhas e os pontos fracos da vontade e dos músculos. Talvez também por isso o seu olhar viajasse fixo no vazio, como se visse apenas uma figura na mente — possivelmente o ponto de chegada —, e não o desviava para os lados nem quando as pessoas gritavam à sua passagem, com certeza um dos combustíveis desse movimento regular.

O ímpeto inicial impressionava bastante, queria quem sabe retribuir o apoio do público. Algumas garotas, num estado de frenesi absoluto, gritavam e estendiam o braço a cada passagem dele, como se fosse um ídolo do cinema. Repetiam o mesmo procedimento na volta seguinte, e na próxima também, como se agora sim fossem tocar no homem da bicicleta. Ele, no entanto, não fazia qualquer concessão, mantendo o olhar fixo no espaço logo à frente da roda e, sem nunca sorrir, cruzava como se não fosse o motivo de toda essa agitação.

Eu comecei a contar as voltas, já que não tinha nenhuma disposição para gritar a cada passagem dele, mas ali pela vigésima vi o despropósito disso. Seguramente nem ele fazia a contagem; o número, como nas vezes passadas e nas futuras, ficaria para sempre incógnito. Até porque sua concentração parecia de outra natureza, mais apegada a pensamentos, ideias, imagens e cenas familiares, ou a qualquer outro recurso da imaginação ou da memória. Não parecia ser pelo cachê, isso talvez fosse a sua motivação inicial, quem sabe quantas dívidas ou contas ele tinha para pagar. Ao pedalar sua bicicleta, parecia ser por outra razão que corria tanto, algo que pudéssemos apenas intuir. A exemplo dos raios dos aros, que convergiam para o eixo no centro das rodas, assim também parecia essa sua vontade obstinada, concentrada pelas setas de nossos olhares. Um círculo dentro do outro. Essa concentração sem dúvida se dirigia para um ponto além, sempre além da roda da bicicleta e do giro completo que abria a nova volta, e mais outra, voltas e voltas que, com o passar do tempo, eram

sempre outra e ainda a mesma volta.

Não sabíamos, mas ele dava mostras de saber o ponto que queria atingir, a força a ser dosada, a estratégia das pedaladas necessárias para alcançá-lo. Talvez fosse esse o seu único alimento, pois fazia parte do contrato não parar para comer. Alguém autorizado lhe alcançaria os líquidos, e ele, sem parar uma única vez, a não ser para ir ao mictório público, devia receber a garrafa e beber sempre em movimento. Tais líquidos eram apenas para repor a energia do corpo, porque o alimento mais substancioso devia ser fornecido por ele mesmo, diretamente da alma, sob inspeção do espírito. Sem dúvida era dali que vinha o principal, pois, de outra forma, como explicar que pudesse ficar horas a fio numa mesma posição, com poucas variações — quando muito estender ou curvar os braços, movimentar as pernas com mais ou menos energia, jogar o tronco para frente e para trás —, a cabeça sempre na mesma inclinação, os ombros tensionados na maioria do tempo, a expressão grave, atenta e cuidadosa?

Com a primeira meia-hora, o frenesi das garotas e os gritos e palmas de seus apoiadores tinham cessado, a assistência já reduzida à metade. Talvez todos ainda não tivessem ido embora porque, de algum modo, os que ficavam se sentissem cúmplices da empreitada, como se o outro estivesse ali apenas por causa deles, e abandoná-lo, quando a noite já soprava a aragem fresca do rio e até mesmo a rádio já mudara de programa, seria uma espécie de traição. Talvez só por isso os mais resistentes ainda não tivessem arredado o pé dali. Ou então para se mostrarem igualmente resistentes, e assim conquistarem a confiança do desafiante. Mas após duas horas de prova, a cidade morta, a não ser pelo seu coração a palpitar na Matriz, a assistência estava reduzida, quando muito, a um quarto de seu número máximo na largada. Até à diminuição do fervor público ele já devia estar acostumado, e isso em parte explicaria a indiferença de seu olhar para a audiência e o demais que estava além do cordão da prova.

Mas sua expressão de confiança não se alte-



CONTO | MARCELO DEGRAZIA

rava, apenas o ritmo das pedaladas. Ele encontrara um movimento uniforme, menos arrojado que o do início, mas firme o suficiente para manter o equilíbrio sem risco de queda. Era um movimento monótono, e hipnotizante, bastava olhá-lo por algum tempo para se ficar com a mente vazia. Eu, de fato, se olhava a roda da bicicleta, os pés no pedal ou o conjunto de sua figura por alguns minutos, não conseguia pensar em mais nada, como se eu mesmo me transformasse na força motriz da bicicleta.

O pai, como fazia parte da organização do evento, foi dos últimos a deixar o local. Já era meia-noite quando fomos para casa. Eu, exausto, morria de sono, e a prova completava recém suas primeiras quatro horas. Faltavam ainda vinte horas de sono, refeições, colégio, jogos, brincadeiras, vinte horas de vida até que o homem concluísse o seu percurso. A prova era no meio da semana para não perturbar o lazer da cidade; a Praça Matriz, com seus bancos e árvores de copas altas e cheias, era o ponto de encontro de São Donato aos domingos. Eu ia para casa com um sentimento de deserção, não era justo abandonar aquele homem à própria sorte, quando nos proporcionava uma das poucas ocasiões em que a vida, por mais paradoxal que parecesse, ao romper seu ritmo monótono, abria uma nesga de magia semelhante à do Carnaval, à da passeata do futebol e à da abordagem inesperada de uma cigana, com enormes aros dourados nas orelhas, numa das quadras do centro para ler nossas linhas em troca de uma moeda. Mas nessa época o poder da família e da noite eram inexcedíveis, a tal ponto que ao chegar na esquina onde ficava a banca do Felix, já me sentia como quem

faz a coisa mais natural do mundo.

De casa, no andar de cima do sobrado, era possível ver um bom pedaço da praça. Quando as luzes se apagaram e todos nos enfiamos nas camas, me levantei pisando em nuvens negras e fui até a sacada. Com o máximo cuidado, abri a porta, fechei-a atrás de mim e busquei o ponto de visão mais favorável. Até onde enxergava, à exceção do seu Zeca que cuidava da praça, em um dos bancos com o homem destacado para cuidar da prova e fornecer a água e os sucos, já não havia mais ninguém no cordão de isolamento. A praça estava entregue às copas das árvores e suas sombras. No outro dia soubemos que dois engraxates, jogando figurinhas no bafo, bolita, o osso, tudo que era possível para não se entregar ao sono, também tinham passado a noite toda em vigília.

Aí estava talvez o maior risco para ele. A ideia me ocorreu enquanto eu mesmo já cabeceava na sacada atacado por mosquitos, as pernas frouxas. Ele não podia dormir um instante, sob o risco de pôr tudo a perder: o cachê, o respeito da cidade, as futuras apresentações e, sobretudo, a vitória de sua concentração. A reunião de todas as suas forças na noite pesada e lenta dependia de sua lucidez. A vigília, mais do que garantia para evitar o tombo, era o atestado de que a convergência de sua atenção e músculos a um único objetivo constituía uma arte superior. Acontecesse o que fosse para fora do círculo de isolamento, nada o podia deter até atingir o alvo. Se ficasse no meio do caminho, ainda que na última volta, sua reputação estaria perdida e a cidade jamais lhe concederia nova oportunidade. As outras praças também se fechariam para ele.

Embora a cidade, nesse instante, à exceção de seus vigias, dormisse a morte mais profunda — como são as sombras de uma cidade erma —, ela seguia, uma a uma, suas pedaladas dentro do sono. Embora não soubesse a soma total da prova, sabia do limite a ser alcançado. E se ele, na hora acertada, não estivesse ali, ainda montado na sua bicicleta em movimento, não teria a recompensa do cachê — suas dívidas e contas precisariam de outra oportunidade, ou seja, outra atividade para a qual deveria

estar mais bem preparado — nem teria o entusiasmo das palmas, as garotas não mais gritariam apelos histéricos por sua libertação.

Eu também já andava em círculos...

Na outra manhã, a mãe me convidou para buscar as roupas na dona Rosa, lavadeira e mãe do Catito. Eu disse que tinha temas do colégio, mas assim que ela saiu de casa corri para a Matriz. À exceção do Xexéu do tabuleiro, que vendia cigarros, balas e mandolates no porto, e dois engraxates em silêncio com as caixas no ombro, ninguém mais acompanhava o homem da bicicleta em suas voltas. Com o isolamento do centro para a prova, os largos caminhos da praça ficaram obstruídos, os transeuntes de todos os dias tinham de contorná-lo através dos passeios laterais, o que contribuía para reduzir o fluxo de curiosos. Além disso, chamava a atenção uma possibilidade não considerada por mim na noite passada, e que ele realizava com a mesma seriedade de antes, porém com a expressão mais abatida. Ele agora pedalava na direção anti-horária. Era como se estivesse empenhado em desfazer o percurso noturno, como se a luz do dia afinal apontasse o rumo certo. Embora pudesse ser para impedir a tontura e quebrar a monotonia, dava a impressão de que ele agora se movia para trás, como se estivesse arrependido ou descobrira um erro no que vinha fazendo. Parecia apagar as voltas dadas até o momento de inverter o sentido. Por outro lado, imaginei que ele desenvolvia uma visão nova e complementar da praça, como nenhum de nós donatenses tivéramos até ali. No coração da Matriz, ele via o avesso do que percorrera até aquela mudança — o avesso do que nós mesmos víamos no nosso cotidiano —, e isso, além de revigorar o ânimo, proporcionava novos recantos da praça para explorar. Ele agora podia considerar as coisas em volta pelo seu revés, num novo equilíbrio, e esses novos ângulos deviam lhe ajudar bastante a superar a repetição do mesmo, o tédio, o sono, o cansaço.

Logo depois do almoço, quando passei por ali em direção ao colégio, o quadro não tinha se alterado. Na aula de Educação Artística daquele dia, embora o tema fosse livre, o motivo principal dos desenhos foi o

homem da bicicleta. Ele reaparecia ainda pedalando, agora no caderno dos colegas e no meu, sob as mais variadas formas e cores. Foi o assunto que dominou também o recreio. Diante do espanto de uma colega, que indagava porque ele não comia ao menos um pedaço de pão com mortadela, outro respondeu que talvez fosse pelo risco de se engasgar, um farelo podia lhe provocar um acesso de tosse, forte ao ponto de perder o equilíbrio e assim também a prova. Um terceiro disse que ninguém podia ficar tanto tempo sem dormir, e levantou a hipótese de que ele, o homem da bicicleta, talvez tivesse alguma técnica que lhe permitisse, se não cochilar, o que o garoto afirmava ser possível de olhos semiabertos por algum tempo, ao menos descansar enquanto pedalava. Talvez ele embalasse bastante, e, quando a bicicleta atingisse grande velocidade, podia ficar com os pedais suspensos por um bom tempo. Outro colega, que gostava de olhar as situações por seu lado cômico, disse não acreditar na seriedade da prova, em algum momento da noite o homem devia ter encostado a bicicleta numa árvore e se deitado num dos bancos para tirar uma soneca, trouxa eram os que acreditavam nisso que o pai dele tinha chamado de aberração humana.

Ao voltar para casa, coisa que fiz tão logo bateu o sino, tive nova surpresa ao ver que ele agora pedalava no sentido escolhido na largada. Isso de alguma forma me tranquilizou; senti como se depois das idas e vindas, ele, com a nova inversão, afinal encontrava o caminho acertado. Outra vez no sentido horário, ele até pedalava mais forte do que no meio-dia, quando corri para almoçar. Eu tinha a sensação de que ele, depois das tentativas anteriores, finalmente corrigira os erros de sua atuação, digamos assim, como se finalmente encontrasse a direção e o ritmo mais confortável para seguir adiante. Talvez, como já era o final da tarde e chegava a nova brisa do rio, ele tivesse concluído que a vitória, se não quebrasse nenhuma engrenagem da bicicleta nem lhe rompesse um músculo, nervo ou tendão, era coisa certa. Daí chegavam, quem sabe, esse novo assomo de energia e a confiança de que concluiria a prova, de que todos os fantasmas da noite estariam vencidos, de que to-

dos os medos da manhã de sol estariam superados e de que nada mais de extraordinário lhe impediria a conclusão da prova — a grande incógnita da largada. Sua expressão, embora mais vincada pelo esforço sem trégua, os olhos em covas profundas, não tinha o abatimento da manhã, como se ele, curiosamente, recém tivesse acordado. Era bem isso: embora sério, estava desperto, e desperto como os que estão em plena atividade de seu ofício.

O homem da bicicleta venceu o desafio.

Na chegada, além do prefeito, do secretário de Esporte e Turismo e de membros do Rotary, algumas dezenas de pessoas aguardavam para vê-lo terminar o trajeto. Quando as 24 horas se concluíram, anunciado pelo presidente da entidade promotora do evento e reproduzido pela rádio, todos ali presentes começaram a aplaudir com entusiasmo, gritaram hurras e palavras de reconhecimento. Ele, com dificuldade, deixou a bicicleta amparado por um médico. Que logo tirou sua pressão e verificou seu batimento cardíaco. O homem que o vigiara durante a noite cumprimentou-o com efusão e lhe alcançou uma última garrafa de água. Ele a bebeu visivelmente satisfeito, banhado de suor, os cabelos grudados na testa. Despejou o final do líquido no alto da cabeça e o deixou escorrer pelas faces como se recebesse um último batismo. A mulher de um rotariano, logo em seguida, trouxe um ramo de louro e coroou sua cabeça, outra lhe ofertou um ramalhete de flores silvestres, recebidas por ele com sorriso de paisagem rural. A seguir, pousaram para a foto oficial, que iria para os anais do Rotary e da prefeitura e estamparia a capa de *A Semana Donatense*, batida pelo Bili, o fotógrafo anão no tamanho, mas grande no talento, como ele mesmo gostava de dizer subido numa cadeira. Depois de algumas fotos isoladas e de cumprimentos a populares, uma pequena comitiva o acompanhou até o Hotel Central, onde estava hospedado, para que jantasse e descansasse.

No outro dia pela manhã ele veio receber o cachê em nossa casa. Pacato, com gestos simples, vestia uma calça bege de tergal e uma camisa volta ao mundo bordô, com motivos florais em verde e azul, aberta num peito liso. Pediu licença para en-

trar no acanhado escritório onde o pai fazia alguns lançamentos no livro-caixa. O pai deixou sua mesa e foi cumprimentá-lo, falaram sobre a prova, e ele disse que apenas duas vezes temera não concluí-la, uma porque calculara mal a manobra para inverter a mão e, acossado por uma súbita tontura, quase se chocara contra o monumento. A outra, mais grave, foi quando pegou no sono e só acordou ao bater num banco, mas por sorte conseguira manter o equilíbrio.

O pai lhe entregou o dinheiro do cachê. Suas mãos inchadas tinham todos os dedos curvos, como se ainda segurasse os manetes da bicicleta. Era prova mais do que suficiente de que ele, para vencer o desafio, se agarrara todo esse tempo no guidom da bicicleta com todos os méritos, nervos e tendões.

Ele contou o dinheiro por cima e o enfiou no bolso da calça, cumprimentou o pai mais uma vez e deixou o escritório. Eu o acompanhei até a porta da rua, e antes de nos despedirmos, perguntei:

— Por que tu faz esse tipo de prova?

Ele balançou a cabeça para os lados:

— Porque não sei para onde ir. Se soubesse, não ficava dando voltas.

Ele me deu as costas e partiu. Eu fiquei sorrindo, intrigado. ■

 **Marcelo Degrazia** nasceu em 1961, em Itaqui (RS). Com formação em Letras e Direito, fez cursos de extensão nas áreas de literatura, linguística e filosofia (Prof.^a Olgária Mattos). Publicou a novela infantojuvenil *A noite dos jaquetas-pretas* (2007). Foi finalista do Prêmio Açorianos de Literatura com o romance *Armadilha para Pedro* (Narrativa Longa) e com o livro de contos *O juiz e o papagaio* (Criação Literária). Recebeu menção honrosa no Prêmio SESC de Literatura pelo romance *As costelas de Eva*. Fez oficinas de literatura com Márcia Denser, Léa Masina e L. A. de Assis Brasil. Vive em Nova Petrópolis (RS).



Aquela velha juventude

O crítico e escritor **Luís Augusto Fischer** apresenta um painel sobre os 29 autores que estiveram presentes nas antologias *Geração 90*, organizadas no começo dos anos 2000 por Nelson de Oliveira

O ano de 2001 já pareceu ser um ponto muito distante no futuro. Basta lembrar aquela canção tão sessenta-e-oitista, parceria eventual e tão, tão linda de Rita Lee com Tom Zé, que se chamava justamente “2001”: “Astronauta libertado,/ minha vida me ultrapassa/ em qualquer rota que eu faça”. Era um tempo em que de fato havia algo chamado “corrida espacial”, Estados Unidos de um lado, União Soviética de outro, cada qual forçando a barra para ir mais longe, todo mundo falando de astronauta, foguete, essas coisas agora invisíveis. Em 1968 a Lua estava no papo, como se dizia na época. Faltavam longos 32 anos para o mágico 2001: toda uma vida.

Agora estamos nessa posição de ter passado por 2001 já há 16 anos, metade dos 32 que faltavam quando Tom Zé e Rita Lee cantaram a música. Simetria — a realidade gosta de simetrias e pequenos anacronismos, como disse certa vez aquele sábio frasista portenho.

Será o caso de perguntar, então, se chegou aquele mundo, aquele futuro imaginado. Sim? E a vida nos ultrapassou?

No ano de 2001 veio a público uma publicação nem tão vistosa assim, mas destinada a marcar com certo vigor o cenário literário do país: *Geração 90: manuscritos de computador*, or-

ganizado por Nelson de Oliveira para a editora Boitempo. Tinha um subtítulo, com algum sabor de época: “Os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX”.

Um sentido entranhado na publicação e presente nas palavras do subtítulo faz todo sentido, visto à distância: números redondos, como aquele 2000, levam a balanços e a seu oposto complementar, projeções, justamente porque nessas esquinas históricas temos a forte sensação de que passado e futuro conversam sem intermediários, ali, na nossa frente — nós, então, com aquela sublime ilusão de estar no controle da passagem das horas, da ultrapassagem das eras. A antologia preparada por Nelson de Oliveira se propunha ser um flagrante daquele momento.

Não foi o único caso. No ano anterior, justamente 2000, saiu uma importante antologia com o decidido, forte, pretensioso nome de *Os cem melhores contos brasileiros do século*, selecionados por Italo Moriconi, para a editora Objetiva. Houve forte debate em torno do livro; que eu lembre, ninguém foi capaz de apontar problemas relevantes na seleção de Moriconi — a única ausência realmente significativa foi a de Guimarães Rosa, e isso por causa de obstáculos levantados pelos herdeiros dos direitos autorais do gênio mineiro, que não chegaram a acordo com a editora.

Houve outro caso notável, de resposta provocativa a esses cem contos: Marcelino Freire organizou em 2004, para a Ateliê Editorial, um volume chamado *Os cem menores contos do século XX*, fazendo piada a sério: era um ponto alto da voga do microcon-

to no Brasil, em parte uma fantasia de hiperconcentração e hipercontenção, que seriam marcas relevantes do novo tempo, este impressionante século XXI que se inaugurava. Século que porém se inaugurava, em óbvia contradição, com uma hiperdistensão, um hiper-espalhamento da escrita, dada a generalização do uso da internet pelos setores e classes letradas do país e do Ocidente. O mundo da escrita e da leitura nunca mais seria o mesmo, tanto fazia se em microcontos ou em textos infinitos.

Conto

A frase-chamariz com que Nelson de Oliveira subtitulou sua antologia queria fazer bossa com a novidade tecnológica: “manuscritos de computador” não existem, naturalmente. Mas a frase sapateia sobre o grande X da época, para quem escrevia. Se cem anos antes o problema tecnológico era o ingresso da máquina de escrever no cotidiano dos escritores, como se pode ler, aqui e ali, no interessante levantamento feito por João do Rio em *Momento literário*, de 1905, em 2000 o problema era estabelecer distância irônica em relação à pendenga entre a delicadeza do artesanato da escrita até então, expressa nos manuscritos literais, e de outro lado o atropelo, a urgência, a perda de controle humano representada, então, pela escrita no computador.

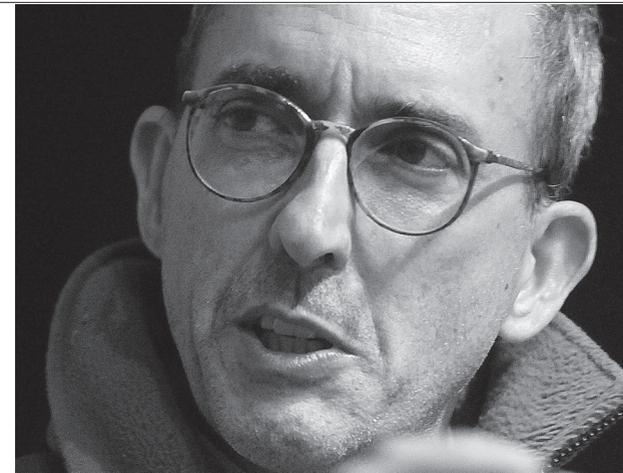
Acredite, prezado leitor jovem nascido há menos de 30 anos: escrever direto no computador, no teclado e na tela, na memória desta máquina agora amistosa, era coisa ainda problemática para quem vinha de antes, para quem havia nascido na era da televisão (no Brasil da classe média, coisa dos anos



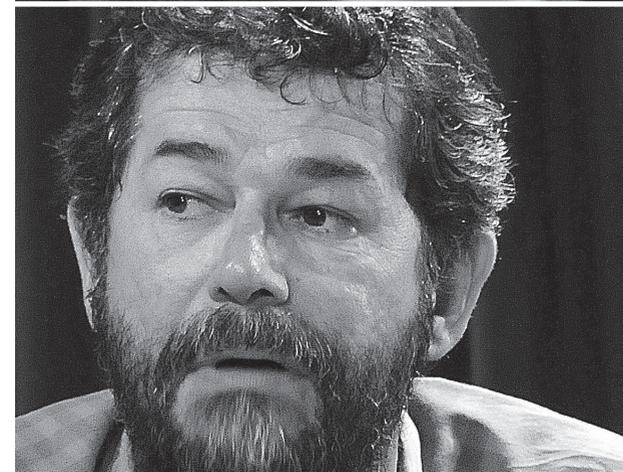
GERAÇÃO 90 — MANUSCRITOS DE COMPUTADOR (2001)

| NOME | Local de origem | Ano | Profissão | Wiki/site pessoal: livros solo de ficção ou poesia e traduções | Enciclopédia Itaú - verbete solo | Jabuti / São Paulo / Oceanos |
|-------------------------|-----------------|------|--------------------------------|--|----------------------------------|------------------------------|
| Altair Martins | Capital RS | 1975 | Professor | 7 livros | Não | 1 |
| Amílcar Bettega Barbosa | Interior RS | 1964 | Tradutor | 4 livros; traduzido | Não | 1 |
| Cadão Volpato | SP capital | 1956 | Jornalista, músico | 5 livros | Não | |
| Carlos Ribeiro | Capital BA | 1958 | Jornalista | Sem wiki; site pessoal: 6 livros | Não | |
| Cíntia Moscovich | Capital RS | 1958 | Professora | 7 livros; traduzido | Sim | 2 |
| Fernando Bonassi | Capital SP | 1962 | Roteirista, dramaturgo | 24 livros; 13 roteiros; 10 peças | Sim | 1 |
| João Batista Melo | Capital MG | 1960 | Cineasta | 6 livros | Não | |
| João Carrascoza | Interior SP | 1962 | Professor | 33 livros, 4 adaptações; traduzido | Sim | 3 |
| Jorge Pieiro | Interior CE | 1961 | Professor | Sem wiki; (talvez 5 livros) | Não | |
| Luiz Ruffato | Interior MG | 1961 | | 14 livros; traduzido 15 vezes | Sim | 1 |
| Marçal Aquino | interior SP | 1958 | Roteirista | 15 livros, 9 roteiros, traduzido | Sim | 1 |
| Marcelino Freire | Interior PE | 1967 | Editor | 7 livros, 1 tradução | Sim | 2 |
| Marcelo Mirisola | Capital SP | 1966 | | 17 livros | Sim | |
| Mauro Pinheiro | Capital RJ | 1957 | Tradutor | Sem wiki (3 livros, cf Geração 90) | Não | |
| Pedro Salgueiro | Interior CE | 1964 | Prof, func. público | Sem wiki (2 livros cf Geração 90) | Não | |
| Rubens Figueiredo | Capital RJ | 1956 | Tradutor, professor aposentado | 8 livros, muitas traduções feitas, desde o inglês e o russo; | Sim | 4 |
| Sérgio Fantini | Capital MG | 1961 | Funcionário | Sem wiki (11 livros, cf Geração 90) | Não | |

Kraw Penas



Kraw Penas



Divulgação



Divulgação



Os autores Rubens Figueiredo, Marçal Aquino, Fernando Bonassi e Cíntia Moscovich, que fizeram parte da antologia *Geração 90: manuscritos de computador*, de 2001.

>>>

1960 em diante) ou, mais ainda, na era do rádio (dos anos 1930 até os 1960). Se agora todo mundo escreve o tempo todo, em telas que vão dos poucos centímetros quadrados às largas telas de mesa, na altura de 2000 isso vinha rodeado de uma aura de tensa modernidade.

O mesmo Nelson de Oliveira voltou à carga dois anos depois. Em 2003 assinou a organização de *Geração 90: os transgressores*, pela mesma editora Boitempo, e com o mesmo subtítulo do volume anterior, *Os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX*. Se agora vinham os escritores precedidos pelo carimbo elogioso de “transgressores”, haveria alguma sugestão de que os anteriores seriam o contrário disso, conformistas, ou cumpridores de regras?

Seja como tiver sido, o certo é que até aqui falamos das duas antologias *Geração 90* que, como as outras duas coletâneas (Moriconi e Freire), reúnem contos. Contos. Será porque o conto tem a característica de ser portátil, breve, por isso agrupável em edições coletivas? Ou ele era um gênero de prestígio relativamente maior naquela conjuntura do que hoje, quando temos um cenário brasileiro inundado de romancistas? (Na abertura do volume de 2003, Nelson de Oliveira dá um drible: “Esta é uma antologia de prosadores — dos melhores contistas e romancistas surgidos na década de 90 — e não de contos”.)

Hipótese: os escritores brasileiros das últimas décadas aprenderam a falar na língua extensa do romance, ao contrário da geração dos anos 1970, caracteristicamente marcada pela força do conto — Rubem Fonseca, João Antônio, José J. Veiga, Lygia Fagundes Telles, Sérgio Sant’Anna, o primeiro Moacyr Scliar, Caio Fernando Abreu. Falar na língua do romance não é trivial, bem entendido: é preciso ter uma visão de conjunto, seja sobre um grupo amplo de pessoas e coisas se mexendo no espaço e no tempo (Luiz Rufatto ou Paulo Lins, por exemplo), seja sobre vidas singulares examinadas com lupa (Bernardo Carvalho ou Beatriz Bracher, por exemplo).

Quem são os autores?

Dispostos esses elementos, o **Cândido** resolve perguntar: desses dois ousados volumes de Nelson de Oliveira, que resultado saiu, decorrido o prazo bastante longo de então até agora? Quem permanece? Quem deu certo, quem não? Talvez seja inconveniente e mesmo impróprio perguntar se os contistas selecionados então se consagraram — aliás, o que é mesmo “se

consagrar”, no mundo literário brasileiro desta geração 90?

Antes de responder a essas perguntas, formulamos outras: quem foram os selecionados? Terão eles algum perfil discernível, vistas as coisas à distância de uma década e meia? Vai aqui uma repassada geral, em duas tabelas organizadas para permitir alguma visão de conjunto. Uma para a publicação de 2001, outra para a de 2003.

Nas duas, as colunas registram (1) nome, (2) local de nascimento do escritor (qual o Estado e, quanto à cidade, se era a capital ou não do Estado), (3) ano de nascimento, (4) outra profissão, tal como registrada na própria antologia ou apontada na página do autor na wikipedia, caso ela exista, (5) número de livros assinados por ele (ficam de fora as participações em antologias), incluindo as traduções de livros inteiros para outra língua, (6) o registro da existência ou não de verbete próprio do autor na Enciclopédia Itaú, que podemos tomar como uma das instâncias de reconhecimento público do escritor e, finalmente, (7), o registro de prêmio Jabuti, São Paulo ou Portugal Telecom/Oceanos depois de 2001, certamente os três mais significativos do universo brasileiro de hoje em dia. Neste último caso anotamos tanto primeiro lugar quanto posição entre os três finalistas, em conto ou em romance.

(Naturalmente poderá haver alguma falha ou omissão nos dados; mas creia o leitor que a busca foi feita sincera e empenhadamente; de todo modo, o resultado, numa leitura de conjunto como a que aqui se tenta, deve ser representativo.)

O balanço desse grupo indica muitos premiados: são 17 escritores, sendo apenas uma mulher (em 2001 o feminismo não tinha ainda alcançado o patamar atual: uma antologia feita hoje por certo se colocaria o problema de representatividade de gênero — para nem falar do critério étnico, que igualmente hoje se faria presente). Desses 17, sete são interioranos, contra dez capitalinos, divisão com certa respeitabilidade geográfica. Por região, no entanto, a conta é escandalosamente concentrada: são dez escritores do Sudeste, quatro do Nordeste e três do Sul. Por Estado: São Paulo 5; Rio Grande do Sul 3; Minas Gerais 3; Rio de Janeiro 2; Ceará 2; Pernambuco 1; e Bahia 1.

Vista a questão etária, a coisa fica interessante para falar de geração, tomada a palavra com um sentido de idade dos protagonistas. Com exceção de Altair Martins, nascido em 1975, todos os outros dezesseis escritores nasceram entre 1956 e 1967, uma década justa, a marcar uma possível homogeneidade de formação, experiência, modo de vida — com grande razão, o organizador da antologia (nascido em 1966) menciona destacadamente a televisão como influenciadora desse pessoal. (O autor do presente artigo nasceu em 1958 e sabe bem do que se trata.)

Dezessete selecionados, com um total de 16 prêmios, a partir do ano de 2001, obtidos entre os mais importantes no plano brasileiro: trata-se de um sucesso a seleção, desde esse ângulo. No mercado de ações — desculpada a comparação, mas enfim estamos pensando em consagração num certo mercado — devemos reconhecer que o organizador comprou as ações certas, em bai-



GERAÇÃO 90 — OS TRANSGRESSORES (2003)

| Nome | Local de origem | Ano | Profissão | Wiki/site pessoal: livros solo de ficção ou poesia e traduções | Enciclopédia Itaú - verbete solo |
|---------------------|-----------------|------|------------------------|--|----------------------------------|
| Ademir Assunção | Interior SP | 1961 | Jornalista | 13 livros, 2 cds | sim |
| Altair Martins | *** | | | | |
| André Sant'anna | Capital MG | 1964 | roteirista | 7 livros | Não |
| Arnaldo Bloch | Capital RJ | 1965 | jornalista | Sem wiki (2 livros, cf. Geração 90) | Não |
| Cláudio Galperin | Capital SP | 1962 | (médico) roteirista | Sem wiki (4 livro cf. Geração 90) | Não |
| Daniel Pellizzari | Capital AM | 1974 | Tradutor, editor | 5 livros | Não |
| Edyr Augusto | Capital PA | 1954 | Jornalista, radialista | Sem wiki (7 livros cf Geração 90, ao menos mais um, Pssica) | Não |
| Ivana Arruda Leite | Interior SP | 1951 | Escritora | 16 livros solo, traduzida | Sim |
| Joca Reiners Terron | Capital MT | 1968 | Designer, editor | 13 livros solo | Sim |
| Jorge Pieiro | *** | | | | |
| Luci Collin | Capital PR | 1964 | Tradutora | 13 livros solo | Não |
| Marcelino Freire | *** | | | | |
| Marcelo Mirisola | *** | | | | |
| Ronaldo Bressane | Capital SP | 1970 | Jornalista | Sem wiki (3 livros cf Geração 90) | Não |
| Simone Campos | Capital RJ | 1983 | | 7 livros solo | Não |

xa, e depois as viu em alta. Modulando um pouco: são 9 autores premiados, entre os 17, metade a quase perfeita, e por aqui o mérito de Nelson de Oliveira cai um pouco. Os não-premiados, de fato, vistos de modo panorâmico, não se consolidaram como figuras do primeiro

time nacional. Terá algo a ver com a origem geográfica dos sem-prêmio? São eles um baiano, dois cearenses e dois mineiros, mais três paulistas e um carioca. Por região: dos 4 nordestinos, 3 não levaram prêmio, 75%; dos sudestinos, 5 de 10 não meteram mão em taça, 50%.

André Sant'Anna, Daniel Pellizzari, Edyr Augusto e Ivana Arruda Leite estiveram entre os autores do livro *Geração 90: Os transgressores*, de 2003.

Kraw Penas



Renato Parade-Companhia das Letras



Reprodução Boitempo Editorial



Reprodução



Já no plano da circulação fora do português, a coisa é menos auspiciosa. Apenas 5 dos escritores ganharam ros-to em outra língua, havendo uma notável exceção em Luiz Ruffato, que parece ter mais carreira fora do Brasil do que dentro dele, com suas 15 traduções (para alemão, francês, espanhol e italiano) e, não menos, dois polpudos fortíssimos internacionais, o Casa de las Américas em 2013 e o Herman Hesse em 2016. (Vale a nota: Ruffato, além disso tudo, é um notável organizador de livro, antologias, coletâneas temáticas, muita coisa mesmo. Sua página na wikipedia marca 14 feitos nesse terreno.) Em resumo também a voo de pássaro, a geração 90 repete a sina da literatura brasileira de sempre, a de circular muito pouco fora do Brasil e do português.

Vejam agora o caso do segundo volume, aquele de 2003. Como logo se verá, este novo grupo repetiu quatro escritores do volume primeiro (motivo pelo qual seus dados não estão aqui reiterados).

Aparecer numa antologia anunciada como de “transgressores” pode ser perigoso, para efeitos de leitura. Nelson de Oliveira abre sua apresentação tematizando o problema: diz ele que há em comum entre os autores muita coisa, como o *nonsense*, a ironia, a insanidade, a fragmentação lírica, o fluxo de consciência, as divagações cínicas e rancorosas, a delicadeza do absurdo, o gosto pela prosa malcomportada e o des-

prezo pelo discurso linear (pp. 9 e 10).

Aqui são 16 escritores (e outros três declinaram do convite, como alerta o organizador, p. 16): Evandro Afonso Ferreira, Juliano Garcia Pessanha e Luiz Ruffato. Agora temos 3 mulheres, uma presença muito mais significativa do que antes. Pelos mesmos critérios evocados anteriormente, aqui temos, entre os 12 que não estavam no volume de 2001, 10 capitalinos para 2 interioranos, em muito maior concentração. Por Estado, são 4 de São Paulo e 3 do Rio de Janeiro, os únicos Estados com mais de um representante; seguem-se um de cada um dos seguintes Estados: Minas Gerais, Pará, Amazonas, Paraná e Mato Grosso. Por região, a mesma concentração do volume de 2001: do Sudeste 8; do Norte 2; do Sul 1 e do Centro-oeste também 1.

O Brasil não é hiperconcentrado apenas no PIB, na indústria cultural, na população. Quer ver a soma dos dois volumes neste quesito? Sudeste 18, ou 62%. Nordeste, 4, ou 14%, mesmo percentual do Sul. Norte vem com 2, ou 7%, e o Centro-Oeste com 1, ou 3% arredondados — e olha que o representante é Joca Reiners Terron, que saiu de seu Estado natal para viver no Rio e em São Paulo muito jovem.

Neste grupo não há prêmios entre os 12, naqueles prêmios aqui considerados. Traduzidos, apenas uma

entre os 12 novos. Por outro lado, dois deles são também compositores, ou melhor, habilitados nessa outra grande arte letrada brasileira, a canção, fator que talvez tenha algo a ver com o qualificativo geral do volume. Já desde o ângulo etário, aparecem dois mais velhos do que aquele grupo dominante no volume de 2001, ambos nascidos na primeira metade dos anos 1950, e três mais novos do que o mesmo grupo. Dizendo de outro modo, mais sete deste segundo volume são da mesma geração hegemônica.

Os dois livros *Geração 90*, em divisão por ano de nascimento:

| Ano | Manuscritos | Transgressores | TOTAL |
|-------|-------------|---------------------------------------|-------|
| 1951 | | 1 | 1 |
| 1954 | | 1 | 1 |
| 1956 | 2 | | 2 |
| 1957 | 1 | 1 | 2 |
| 1958 | 3 | | 3 |
| 1960 | 1 | 1 | 2 |
| 1961 | 3 | 1 | 4 |
| 1962 | 2 | | 2 |
| 1964 | 2 | 2 | 4 |
| 1965 | | 1 | 1 |
| 1966 | 1 | | 1 |
| 1967 | 1 | | 1 |
| 1968 | | 1 | 1 |
| 1970 | | 1 | 1 |
| 1974 | | 1 | 1 |
| 1975 | 1 | | 1 |
| 1983 | | 1 | 1 |
| TOTAL | 17 | 12 (não presentes no volume anterior) | 29 |

Bons prosadores

Nascidos até 1971, que eram já pessoas maduras, tinham pelo menos 30 anos em 2001 — 30 anos, boa medida, talvez, para falar de limite da juventude (embora recente pesquisa na *Folha de S. Paulo* tenha apontado um limite mais largo, 37 anos, para o fim da juventude) — são 26 em 29, ou seja, 90% dos autores dos dois volumes de *Geração 90*. Mas dentro desses 90% há uma concentração forte entre os anos de 1956 e 1967, 22 de 29: 75% dos escritores selecionados para os dois volumes tinham entre 37 e 45 anos, maturidade mais do que evidente, mesmo tomando o critério da recente pesquisa da *Folha*.

Dos 29 nomes presentes no conjunto da *Geração 90*, sem dúvida um punhado se consagrou, como é o caso evidente daqueles premiados. São escritores que hoje orçam, majoritariamente (os 75%), entre os 50 e os 60 anos — somos quase da terceira idade! Trata-se de gente que entrou para a leitura corrente dos escassos leitores brasileiros e nas listas e programas de vestibulares? Em parte sim.

Mas ao lado deles há um bom grupo de outros, da mesma faixa etária, que não constaram nas antologias organizadas, com grande acerto

| Estado | Nome | Ano de nascimento |
|--------------------------|---------------------------|-------------------|
| São Paulo | Alberto Martins | 1958 |
| | Lourenço Mutarelli | 1959 |
| | Bernardo Ajzenberg | 1959 |
| | Nuno Ramos | 1960 |
| | Beatriz Bracher | 1961 |
| | Diogo Mainardi | 1962 |
| Rio de Janeiro | Patrícia Melo | 1962 |
| | Paulo Lins | 1958 |
| | Bernardo Carvalho | 1960 |
| | Alberto Mussa | 1961 |
| Minas Gerais | Sérgio Rodrigues | 1962 |
| | Maria Esther Maciel | 1963 |
| Pernambuco | Marilene Felinto | 1957 |
| Ceará | Xico Sá | 1962 |
| Paraná | Miguel Sanches Neto | 1965 |
| | Rodrigo Garcia Lopes | 1965 |
| Goiás | Flávio Carneiro | 1962 |
| Rio Grande do Sul | Marcelo Carneiro da Cunha | 1957 |
| | Charles Kiefer | 1958 |
| | Paulo Ribeiro | 1960 |
| | Vitor Ramil | 1962 |
| | Cláudia Tajés | 1963 |
| | Paulo Scott | 1966 |

e oportunidade, por Nelson de Oliveira, mas que merecem ser lembrados aqui como gente da mesma geração, essa, vá lá, Geração 90. Sem ir muito longe, e ficando apenas em nomes com obra conhecida pelo articulista, vai aqui uma breve enumeração de escritores de prosa relevante nascidos no mesmo intervalo majoritário apontado acima, entre 1956 e 1967.

Não rendiam eles outros dois volumes de alta qualidade, entre transgressores e convencionais? Se acrescentarmos gente um pouquinho mais velha, como Godofredo de Oliveira Neto (1951, SC), Milton Hatoum (1952, AM), Cristóvão Tezza (1952, SC) e Luiz Sérgio Metz (1954, RS), temos aí toda uma geração de bons e ótimos prosadores, a primeira a se expressar depois do período da ditadura militar de 64-85, a primeira a viver sob a força da televisão e provavelmente a última a ser impactada já na idade adulta pela avalanche da *internet* e dos computadores pessoais — acredite, leitor jovem, essa designação fazia sentido para os atuais cinquentões e sessentões —, porque quem veio depois, quem nasceu nos anos 1970 e 1980, praticamente veio ao mundo com um computador em casa (e os nascidos dos 90 em diante nasceram já com um celular inteligente na mão...). ■



O imenso vácuo de uma tradição em progresso

Luís Augusto Fischer analisa o legado da “Geração 90” que, em seu entendimento, percorre o caminho aberto por escritores brasileiros do passado, mas que ainda não problematizou a corrupção que assola o país em tempos recentes

São 29 diferentes escritores incluídos nos dois volumes organizados por Nelson de Oliveira sob o rótulo “Geração 90”. Outros 23 escritores da mesma geração cronológica dominante nesses dois volumes foram lembrados na tabela final. Se acrescentarmos a esses os outros quatro escritores um pouco mais velhos (aos quais se poderia acrescentar um bom punhado de outros, como Edney Silvestre, nascido em 1950, e Elvira Vigna, nascida em 1947), alcançamos soma impressionante: mais de meia centena de autores brasileiros, quase todos em atividade regular desde os anos 90. Só em prosa ficcional.

Essa exuberância parece contrastar com a esqualidez de nosso mercado, ainda e sempre carente de leitores, por mais que tenhamos tido boas políticas de formação de leitores nos agora sorridentes anos FHC/Lula/Dilma. Não custa acrescentar que, sendo a maior parte desses nomes de romancistas, o fenômeno deveria ser mais e mais saudado e estudado tendo em vista não apenas a já mencionada hegemonia do conto na geração anterior (nos anos 1960 e 1970 se falava mesmo na morte do romance como uma iminência), mas igualmente o conjunto de exigências que a forma romance traz consigo.

Dizendo de modo mais direto: devemos trazer mais for-

temente à consciência do debate literário (em sua desprestigiada face historiográfica, quando menos) a evidência de que o Brasil tem uma impressionante geração de romancistas, talvez análoga à dos anos entre 1930 e 1950. Gente que domou estruturas e linguagem que, aliadas e moduladas por uma interpretação complexa e profunda do mundo, atendeu as pré-condições para a existência desse gênero. Não dá pra saber ainda se os noventistas terão seus Jorge Amado, Erico Verissimo, Graciliano, Rachel de Queiroz ou Dyonelio Machado no sentido do impacto duradouro de seus textos na face da cultura de língua portuguesa no Brasil.

(Mas também, consideremos, os de 30 tiveram a seu favor toda uma novidade — era a primeira grande geração a escrever moderno para entender criticamente o Brasil, por um lado, e por outro foi toda ela beneficiada por circular nas escolas, nos vestibulares, nas apostilas, nas universidades em seu auge, nos anos de 1960 em diante. Os noventistas encontraram o terreno da leitura escolar colonizado pelos de 30 — e isso não é bom ou mau, mas é uma verdade elementar que condiciona as coisas de modo bem diverso do que antes.)

Entre os atualmente maduros romancistas, já é possível apontar para

carreiras consolidadas. Alguns itens foram vistos na primeira tabela, em termos de repercussão e reconhecimento. Não se poderá contar a história da literatura da virada do primeiro para o segundo milênio sem a presença de — aqui vai minha percepção, naturalmente sujeita às minhas evidentes limitações — Luiz Ruffato e Rubens Figueiredo, talvez Fernando Bonassi e Marçal Aquino. Estes conquistaram terreno para sua obra com força característica. Não casualmente, os quatro, alinhados com Paulo Lins e Lourenço Mutarelli, e talvez Marilene Felinto, inventaram maneiras de dar a ver solidamente os brasileiros de baixo, na sociedade contemporânea. (Desse grupo faz parte uma fatia importante da obra de outro escritor arrolado aqui, que porém se identifica mais com a geração seguinte, a que despontou nos anos 2000: Paulo Scott.)

Serão os atuais, proporcionalmente, como os escritores realistas de 1930 a 1950, ou como os naturalistas do fim do outro século, Aluísio Azevedo à frente? Pode ser. Pensando nos pontos altos dessa linhagem, Rubens Figueiredo e Ruffato ainda não produziram um novo e nítido *Vidas secas* ou um *Os ratos*, mas a família deles é a do Graciliano e de Dyonelio.

Em matéria de criatividade bem concebida e com marcados acertos na forma, eu apontaria outros dois grandes da geração, ambos fora dos volumes de Nelson de Oliveira: Bernardo Carvalho e Alberto Mussa. Acrescentaria um terceiro nome: Beatriz Bracher, que para expressar o ângulo feminino da experiência me parece insuperada, entre os mencionados. Neles temos força de ou-

tra ordem, mais intensa na criatividade estrutural (enredo, ângulo narrativo e personagens), que nos anteriores é menos notável do que a inventividade de linguagem (mas Ruffato mostrou maestria geral na série *Inferno provisório*).

Se entrarem na conta os mais velhos, mencionados após as tabelas, bem, aí será necessário incorporar a clara presença de Milton Hatoum entre as grandes vozes narrativas de nosso tempo, seguido por Tezza (e, para meu gosto, pela inventiva novela de Luiz Sérgio Metz, sua única narrativa longa, *Assim na terra*, de impressionante criatividade de linguagem, capaz de transformar a ampla tradição do romance fronteiro e/ou histórico sulino numa coisa quase irreconhecível, sendo porém sua culminância pesadelar).

Entre parênteses, se for o caso de marcar livros que isoladamente marcam momentos altos dessa geração 90, ou marcar dicções de alta originalidade, mas ainda talvez à espera de uma realização indiscutivelmente superior, valeria marcar o caso de Amílcar Bettega, Marcelino Freire e Joca Reiners Terron, entre os incluídos nas antologias *Geração 90*, mais Fausto Fawcett e Vitor Raimil. O que já mostraram sugere tratar-se de obra potencialmente definitiva.

Hatoum tem o mérito, raríssimo em todo o conjunto de escritores aqui considerado, de levar em conta as classes superiores da sociedade brasileira, as elites, algumas delas, é claro. Este não é um valor pequeno, para o romance como forma: sua história mostra que nesse barro social encontramos grande material, talvez o principal material para organizar leituras de conjunto sobre a experiência de uma época, de um



grupo. Tezza também terá algo a ver com isso, mas em sentido diverso, porque em sua obra, muito bem articulada em arquitetura e linguagem, nos grandes lineamentos de enredo assim como no varejo das cenas, vemos desfilar basicamente os dramas vivos das classes intelectualmente superiores no Brasil, estando ausentes as elites econômicas ou políticas.

Mas nenhum deles, me parece, até aqui empregou as virtudes da forma romanesca ou da linguagem conquistada por cada um para abordar o mundo da alta política, esse mesmo que nos atordoia na forma de golpe parlamentar-midiático, na forma de brutal supressão de direitos para os de baixo, na forma de incalculáveis montantes de corrupção institucional. Por quê?

Sei que nenhum deles têm qualquer obrigação de meter a mão nessa pocilga; mas me pergunto por que ninguém tentou, ninguém vem nos contar como funciona isso tudo. Entre os personagens que inventaram, não há um grande banqueiro ilustrado ou um doleiro idiota mas bem relacionado, um deputado de real poder ou mesmo um assessor canalha, um capitão de indústria moderna ou um engenheiro serviçal, um *big boss* da publicidade ou uma de suas vítimas na rotina de uma agência, um neocoronel de terras monocultoras irrigadas no antigo cerrado ou um agri-

Para Luís Augusto Fischer, Luiz Ruffato e Amílcar Bettega, presentes na antologia *Geração 90*, e Milton Hatoum e Beatriz Bracher são algumas das “grandes vozes narrativas de nosso tempo”.

cultor arrancado da terra ancestral.

Por quê? Será que tal ausência se explica apenas porque os escritores, quase sem exceção, provêm agora das classes médias, não havendo casos mais nítidos de gente oriunda das grandes decadências que geraram os Erico, os Lins do Rego? Mas igual, Machado de Assis era um arrivista social, e soube como ninguém olhar para o andar de cima de modo a ver o que ali se fazia e vir cá nos contar. O velho Machado, acho eu, continua a nos espreitar, perguntando por que não seguimos este seu exemplo. ■

 **Luís Augusto Fischer** é professor de literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e autor de, entre outros livros, *Machado e Borges – e outros ensaios sobre Machado de Assis e Literatura Brasileira – modos de usar* (L&PM). Vive em Porto Alegre (RS).

Geração 90: delírio ou realidade?



Organizador de duas antologias que marcaram a literatura brasileira contemporânea, o escritor Nelson de Oliveira resgata o clima da cena literária do final do século XX e os motivos que o levaram a reunir em livro autores até então fora do radar das grandes editoras

Um jovem compositor chamado Renato Limonge lançou em 2017 uma canção intitulada “Geração 90”. Procurem no YouTube. Vamos cantar juntos?

Releio demais Borges & Philip Dick... Às vezes suspeito que os anos 1990 nunca existiram. O tempo tem essa capacidade irrefreável de dissolver tudo, por mais sólidas que as coisas e as certezas pareçam. Se até os milenares blocos de granito ou calcário das pirâmides um dia virarão poeira, que dizer dos frágeis documentos de papel, áudio & vídeo que nos cercavam no final do século XX?

O que reforça essa suspeita é o desapareço à memória e à História que a cultura do consumo vem induzindo até

nas melhores cabeças de nossa sociedade do entretenimento. Lembro que um livro muito consultado por mim, nos anos 1990, era a *História concisa da literatura brasileira*, do Alfredo Bosi.

No capítulo final, intitulado “Tendências contemporâneas”, a sensação era de que a literatura brasileira relevante terminava em Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral & Drummond. Os concretistas eram mencionados. Rubem Fonseca & Dalton Trevisan também, mas por alto. A história iniciada com a carta de Ca-

Marcelino Freire, Ivana Arruda Leite, Marcelo Mirisola, Joca Reiners Terron e Ronaldo Bressane no lançamento de *Geração 90 – Os Transgressores*, em Santos, em 2003.

Arquivo/Marcelino Freire



minha terminava gloriosamente no finalzinho dos anos 1950, ou talvez dos 1960. De acordo com o pesquisador, de lá pra cá parece que nada de valioso surgiu sequer no distante horizonte.

Lembro de uma entrevista que o Alfredo Bosi concedeu à *Revista E*, do Sesc, em janeiro de 2010. No finalzinho, o entrevistador pergunta: “O senhor falou de Guimarães Rosa e Clarice Lispector e disse que eles são muito superiores à produção do modernismo. A pergunta é: quem, da altura desses citados, veio depois deles?”

Resposta: “Ninguém. Nós temos muitos bons escritores hoje. Temos uma literatura muito viva atualmente, tanto na prosa quanto na poesia, sem dúvida nenhuma. Mas como a pergunta é sobre alguém depois de Clarice e Guimarães Rosa, que são autores de uma dimensão internacional — no sentido de poderem ser traduzidos para qualquer língua e admirados por qualquer literatura —, eu tenho de ser drástico.”

Lost generation?

Foi Gertrude Stein quem cunhou a expressão *geração perdida*. Será que essa etiqueta se aplicaria também a nós?

Era bastante comum, no final do século XX e no início do XXI, escutar autores importantes, da Velha Guarda, comentando que depois de sua geração nada de muito relevante havia surgido no cenário nacional. Lembro de outra entrevista, agora com o Ignácio de Loyola Brandão, no número 30 da revista *Cult*, de janeiro de 2000, que reforçava essa “drástica” posição: “Cadê a literatura brasileira? Cadê a nova literatura? Onde estão as jovens revelações? Não as vejo. (...) Os novos autores não estão querendo mudar mais nada. O grande problema é que ninguém quer mudar mais nada.”

Nos anos 1990, tanto escritor talentoso havia estreado na literatura! Eu começava a acompanhar com mais atenção os cadernos literários, as resenhas... Também começava a conhecer pessoalmente — apesar de minha timidez — muito contista estreante, muito poeta já no segundo ou terceiro livro. Os jovens romancistas eram mais raros nas rodas que começavam a se formar. Mas é claro que existiam.

Toda essa nova onda estava se beneficiando da revolução digital que começava a dar as caras na Botocúndia. A informatização da indústria gráfica logo teria um impacto forte na cultura. Softwares & networks multiplicavam a quantidade de papel impresso & encadernado. O custo industrial do livro estava caindo, novas editoras surgiam, umas de médio porte, outras menores, alternativas, todas dispostas a lançar estreantes brasucas.

Éramos sós, éramos são?

“Cadê a nova literatura? Onde estão as jovens revelações?” O fantasma dos natais passados não parava de repetir.

No início do século XXI, mesmo tendo quatro livros publicados, eu ainda era muito idealista. Enxergava na literatura um saudável santuário, um espaço de comunhão protegido da banalidade cotidiana. Então, era natural que me decepcionasse com a miopia dos autores mais velhos. Sua falta de interesse pela geração mais jovem me entristecia. Esse foi o gatilho para os dois volumes da antologia da geração 90.

Sempre que penso nessa época, sou arrebatado por um tsunami de sensações & impressões. Uma imagem cinematográfica espalha ondas audiovisuais, explodindo a memória. Foi uma época de muita alegria, muito entusiasmo. Mas é óbvio que essa impressão benefazeja, mais vermelha que cinza, talvez seja uma ilusão exclusivamente minha.

Repito: eu ainda era muito idealista. Ainda enxergava o mundo artístico & literário como uma instância parcialmente livre das normas da revolução industrial capitalista. Editoras & livrarias não eram empresas jogando o



jogo do mercado, eram lugares sagrados. (Doce ilusão.)

O lado bom de montar acampamento num grande centro urbano, se você é escritor, é poder encontrar cara a cara as aves de rara plumagem cujos livros você aprecia. É claro que não estou falando do circuito *mainstream*. Confesso que acompanhava bem de perto a carreira de certos amores tupiniquins publicados pelas grandes editoras, mas eu me interessava mesmo era pela produção subterrânea.

Não lembro quem eu conheci primeiro: Ademir Assunção, Claudio Daniel, Luiz Roberto Guedes ou Joca Reiners Terron. Mas lembro bem que certas afinidades poéticas & teóricas ficaram evidentes em pouco tempo. Joca estava inaugurando sua pequena editora subversiva, *Ciência do Acidente*, e em breve publicaria todos nós. Minha coletânea de minicontos *nonsense*, intitulada *Treze*, saiu por essa editora, em 1999.

Éramos heróis, bandidos?

Outra convergência importante em minha vida literária: o encontro com Marcelino Freire & Evandro Afonso Ferreira, num cruzamento qualquer do ano 2000. Os dois organizavam reuniões literárias no Fran's Café da rua Fradique Coutinho, 1.139, e convidaram Marcelo Mirisola pra conversar com a galera. Eu não conhecia pessoalmente o Marcelo, mas conhecia seu livro de estreia, de contos, e escrevera o texto das orelhas de sua segunda coletânea, *O herói devolvido*.

Os encontros no Fran's Café aproximaram um bom número de novos poetas & ficcionistas ávidos de atenção de escritores & críticos da Ve-

lha Guarda, por exemplo: Alcir Pécora, Fernando Paixão, Glaucio Mattoso, João Adolfo Hansen, João Alexandre Barbosa, Márcia Denser...

Não sei exatamente em que momento surgiu a ideia de organizarmos um livro coletivo, pra demonstrar que existia sim uma ótima safra de novos talentos — a essa altura Ivana Arruda Leite, João Anzanello Carraschoza, Marçal Aquino e tantos outros já haviam passado pela rua Fradique Coutinho, 1.139 —, nem por que caberia a mim a organização dessa provocação. Mas lembro que Luiz Ruffato conversou com a editora da Boitempo Editorial, Ivana Jinkings, que imediatamente topou nos publicar.

Nas semanas seguintes, fiquei pensando em qual seria a melhor filosofia pra essa publicação. Uma simples coletânea de contos não surtiria um efeito duradouro. Precisava ser algo mais pretensioso.

Folheando um catálogo de artistas plásticos — antes de me casar com a literatura, eu havia noivado muito tempo com as artes plásticas —, lembrei que era bastante comum a crítica especializada classificar a arte contemporânea não apenas por escola, mas também por geração. Bingo.

Reconhecimento de padrões

Comecei a pesquisar nas livrarias, nas bibliotecas públicas & particulares, nos sebos e na web. Parti em busca de todos os ficcionistas brasileiros que estrearam nos anos 1990. Esse era o principal critério.

Escrevi cartas & *e-mails*. Recebi livros do país inteiro, porque eu não queria que a coletânea se restringisse

ao Sul e ao Sudeste, onde está a maior concentração de escritores, editores & livreiros, o maior número de textos por metro quadrado. Era preciso revelar também ficcionistas das outras regiões.

Fui comprando, emprestando ou recebendo de presente os livros de Adriana Lisboa, Álex Leilla, Bernardo Carvalho, Carmen Moreno, Ferréz, Geraldo Lima, Heloísa Seixas, Juliano Garcia Pessanha, Leticia Wierzchowski, Michel Laub, Nuno Ramos, Patrícia Melo, Paulo Lins, Pólita Gonçalves, Ricardo Lísias, Sérgio Rodrigues, Tércia Montenegro, enfim, de praticamente toda a geração 90.

Obviamente, não daria pra acolher a geração 90 inteira — centenas de autores — num livro de menos de trezentas páginas. Então fiz *zazen*, consultei o *I Ching*, as cartas do Tarô, joguei as runas & selecionei 17 malucos, os meus contistas prediletos naquele momento: Altair Martins, Amílcar Bettega Barbosa, Cadão Volpato, Carlos Ribeiro, Cíntia Moscovich, Fernando Bonassi, João Anzanello Carraschoza, João Batista Melo, Jorge Pieiro, Luiz Ruffato, Marçal Aquino, Marcelino Freire, Marcelo Mirisola, Mauro Pinheiro, Pedro Salgueiro, Rubens Figueiredo & Sérgio Fantini.

E pedi a todos que me enviassem ficções inéditas.

E mudei a categoria do livro, que deixou de ser uma prosaica “coletânea de contos” e passou a ser uma ambiciosa “antologia de autores”.

E preguei na quarta capa a frase explosiva, a armadilha para os incautos: “Os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX.”

Geometria não euclidiana

Funcionou. O circo pegou fogo. A antologia *Geração 90: manuscritos de computador* foi muito comentada, elogiada & vilipendiada. Tenho saudade dessa época.

Não vou discorrer aqui sobre a recepção do livro, as resenhas favoráveis e as desfavoráveis, a rebordosa que essa iniciativa causou no círculo bastante restrito da literatura brasuca, afinal tudo isso está ao alcance de um clique, armazenado na web, basta jogar no Google e viajar no Túnel do Tempo.

Essa breve viagem ao passado recente, caríssimos leitores, revelará que em 2003 surgiu, também pela Boitempo, o segundo volume da antologia, intitulado *Geração 90: os transgressores*. Dos dois volumes, esse é o meu predileto. A

Arquivo/Marcelino Freire



O grupo de autores que deu origem à antologia *Geração 90 – manuscritos de computador*. Da esquerda para a direita: Nelson de Oliveira, Luiz Roberto Guedes, Marcelino Freire, Luiz Ruffato, Evandro Affonso Ferreira, Marçal Aquino e Marcelo Mirisola.

proposta foi reunir a galera mais experimental, que curti principalmente subverter a linguagem, fragmentar o discurso, tirar a plateia da cretina rotina, do costumeiro papai & mamãe.

Dezesseis contistas foram convocados: Ademir Assunção, Altair Martins, André Sant’Anna, Arnaldo Bloch, Claudio Galperin, Daniel Pellizzari, Edyr Augusto, Fausto Fawcett, Ivana Arruda Leite, Joca Reiners Terron, Jorge Pieiro, Luci Collin, Marcelino Freire, Marcelo Mirisola, Ronaldo Bressane & Simone Campos.

O saldo foi muitíssimo positivo. Uma década e meia

depois, uns autores desapareceram do radar, outros continuam escrevendo & publicando. Isso não importa muito. Hoje eu sei que a vida literária é mais uma corrida de cavalos do que uma confraternização de aves raras. Mas minha intenção nunca foi antecipar os futuros campeões do turfe, ou da bolsa de valores. Foi retratar uma época.

Memória efetiva

Se agora o retrato está meio datado & desbotado, até isso é razão pra alegria. De lá pra cá, duas novas gerações surgiram. Primeiro a geração zero zero, dos autores que estrearam entre 2001 e 2010. E agora a geração 10, da moçada que está estreando neste período, entre 2011 e 2020.

A experiência mais que estimulante, proporcionada pelos volumes 1 e 2 da antologia da G90, me motivou a continuar atento ao cenário literário. Continuei colecionando livros, resenhas & entrevistas ao longo da primeira década do século XXI. A antologia seguinte, *Geração zero zero: fricções em rede*, foi lançada em 2011, pela editora Língua Geral, carioca.

Novamente na quarta capa a frase explosiva, a armadilha para os incautos: “Os melhores contistas brasileiros surgidos no início do século XXI.”

A celebração literária se repetiu. Muita energia, muita fricção. Repetiram-se as resenhas favoráveis e as desfavoráveis, a rebordosa foi ótima, agora também nas redes sociais.

Dessa vez pude contar com a participação generosa & potente de Ana Paula Maia, Andréa del Fuego, Carlos Henrique Schroeder, Carola

Saavedra, Daniel Galera, Flávio Viegas Amoreira, João Filho, José Rezende Jr. Lima Trindade, Lourenço Mutarelli, Marcelo Benvenuto, Maria Alzira Brum Lemos, Marne Lúcio Guedes, Paulo Sandrini, Paulo Scott, Santiago Nazarian, Sidney Rocha, Tony Monti, Veronica Stigger, Walther Moreira Santos & Whisner Fraga.

(Parêntese importante: um dos bem-vindos efeitos colaterais dessa antologia foi a coletânea *Geração sub-zero*, organizada pelo escritor Felipe Pena, em 2012.)

O que me motiva a seguir batendo o bumbo, a continuar organizando as antologias geracionais? A diversão, é claro. E talvez a necessidade íntima de negar esta sensação de “perpétuo agora”, criada & mantida há décadas pelo mercado.

No “perpétuo agora” o fluxo da História não é importante, tudo precisa parecer sempre atual & contemporâneo, assim fica mais fácil de vender. Eu prefiro enxergar a realidade literária como uma acomodação de épocas & gerações diferentes, cada qual com suas cicatrizes idiossincráticas, às vezes deliciosamente anacrônicas.

Próxima parada: geração 10. ■

Nelson de Oliveira nasceu em Guaíra (SP) em 1966 e, desde 1985, vive em São Paulo (SP). Em 1989, após participar de uma oficina literária ministrada pelo escritor João Silvério Trevisan, foi selecionado para uma bolsa da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, com a qual escreve os contos de *Fábulas*. O livro recebeu o Prêmio Casa de las Américas e foi lançado em Cuba em 1995. Desde então, o escritor já publicou livros de contos, entre os quais *Os saltitantes seres da Lua* (1997), *Naquela época tínhamos um gato* (1998) e *Algum lugar em parte alguma* (2005), além dos romances *Subsolo infinito* (2000), *A maldição do macho* (2002), *O oitavo dia da semana* (2005), entre outros títulos.

Senhor do TEMPO

Aos 96 anos e longe da aposentadoria, o editor da Perspectiva fala sobre suas principais realizações e as dificuldades que enfrentou em mais de seis décadas no mercado editorial

RONALDO BRESSANE

Sopesou o livro nas mãos trêmulas, com as unhas arrancou a embalagem, o abriu e o levou até as narinas, fazendo do livro uma máscara: homem com cabeça de livro. Quantas vezes teria praticado o mesmo ritual? O editor aspirou o cheiro de livro novo e sorriu. Largou dispolente na mesa a reedição do volumoso clássico *Protágoras de Platão* para levantar as sobrancelhas na direção de Gita K. Guinsburg, sua mulher e co-editora na Perspectiva: “E o outro, entrou na gráfica?”. Se o homem é a medida de todas as coisas, aquele livro não simbolizaria só mais um volume depois de 1200 títulos: anunciava também o título seguinte. Aos 96 anos, Jacó Guinsburg engana o tempo multiplicando-o com livros.

Publisher, editor, tradutor, jornalista, professor e crítico teatral, Guinsburg trouxe ao país títulos de Umberto Eco, Erich Auerbach, Paulo Emilio Salles Gomes, Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos. Filho de imigrantes judeus, o editor aportou em São Paulo com 3 anos, vindo da Bessarábia. Autodidata, saiu da pobreza do Bom Retiro graças à militância na esquerda. Em 1947, criaria a editora Rampa — em que lançou mundialmente Isaac Bashevis Singer, cuja literatura verteu do iídiche. Em 1954 foi para a Difusão Eu-





ropeia do Livro, onde editou Maurice Crouzet, Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido, de quem se aproximou — um dos responsáveis por levá-lo à Universidade de São Paulo (USP), onde ministrou teatro na Escola de Arte Dramática e na Escola de Comunicações e Artes. Aposentou-se da USP há seis anos.

Convidado por Décio de Almeida Prado, passou a colaborar n' *O Estado de S. Paulo*, onde conheceu o crítico teatral Sábato Magaldi. Em 1965, fundou a editora Perspectiva, onde publicou obras de vanguarda, como os poemas de Maiakóvski, que acabam de sair em nova edição, e uma bibliografia essencial de humanidades marcada pela Coleção Debates. Os três livros mais vendidos da casa são *Como se faz uma tese*, de Umberto Eco, *O personagem de ficção*, de Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes e Anatol Rosenfeld, e *O genocídio do negro brasileiro*, de Abdias do Nascimento.

Embora a Perspectiva localize-se na rua Brigadeiro Luis Antônio, seu centro hoje é o escritório de Guinsburg, num confortável apartamento do Jardim Paulista, cuja sala de estar está repleta de primeiras edições autografadas. Pai de dois filhos, casado há 60 anos com a simpática matemática Gita — que serviu à reportagem um delicioso almoço judaico em que não faltaram *geltfish* e piadas maledicentes —, o editor conversou com o **Cândido** por horas. Se o homem é a medida para todas as coisas, um homem como Jacó Guinsburg é a medida para todo editor que se preze.

Como é ter 96 anos?

Você nunca pensa que vai chegar aos 96. A perspectiva existencial interna é a duração do dia, não o tempo da distância. Agora, a *vecchiaia* é uma chatice, sou forçado a trabalhar em casa. Meu pai morreu aos 80 anos, minha mãe também. Só que meu pai teve uma guerra nas costas. Ele deixou um livro de notas em iídiche, mas eu tenho alguma dificuldade em usar esse material para escrever um livro. Falo, leio e escrevo iídiche, como conto no meu livro *As aventuras de uma língua errante*. São relações difíceis. São memórias de guerra. Ele foi para a guerra, não era assim tão patriota, quis ir pela aventura. Era um homem bastante moderado. Foi convocado em 1915. Ele arrancou os dentes de baixo para tentar escapar do exército! Depois foi convocado e resolveu ir por vontade própria, em 1916. Foi prisioneiro até 1919 no Tirol (Áustria), trabalhando nos teleféricos. Em 1920 casou, em 1921 eu nasci. Viemos para o Brasil em 1925. A família Guinsburg é grande. São originários dos Guinsburg da Ucrânia, depois foram à Bessarábia, onde eu nasci. Teve até um barão Guinsburg na Rússia, que mexia com ferrovias e reuniu a maior biblioteca de manuscritos medievais judaicos da época, hoje em São Petersburgo [antiga Leningrado]. Eu não avanço no conhecimento das minhas origens além do meu avô. Na historiografia judaica há muitos Guinsburg, Gainsbourg, Ginsberg. Desde 1300 há um lugar na França chamada Gainsbourg: a cidade dos gansos.

Hoje você segue o judaísmo ou continua ateu, como na juventude?

Judaísmo é uma cultura, antes de mais nada. Não é só religião. Não sou religioso, nem minha esposa o é. Sempre fomos de esquerda! O judaísmo é uma cultura quadrimilenar. Uma das principais fontes do cristianismo foi Paulo. O cristianismo é uma dissidência do judaísmo — eram judeus convertidos à crença judaica do messianismo, que começou como um movimento político e terreno; judeus apocalípticos, convertidos sob o impacto de concepções helenísticas e persas. O cristianismo só se torna uma religião independente no momento da transfiguração: quando Deus se faz homem, a religião sai do plano físico para o metafísico. Quem percebeu este fato transformador foi Paulo, que brigou com Pedro e Tiago, porque não queria só converter judeus como o povo escolhido, passando a pregar ao mundo não-judeu. Com o universalismo nasce o cristianismo. >>>



Mas você falava da sua família...

Meu pai mantinha as tradições, apenas. Eu tenho um lado da família que já era de esquerda, e esse lado me encaminhou para contatos que formaram minha cabeça. O Partido Socialista Judeu foi um dos partidos mais importantes da esquerda social-democrática, de origem menchevique. Saíram de Berenztein, na Alemanha, onde nasceu a social-democracia, depois da II Internacional. Fiquei próximo dos movimentos de esquerda, em especial do Partido Comunista e da Aliança Nacional Libertadora, em 1935, primeira aliança de esquerda no Brasil, que chegou ao poder através do tenentismo prestista, com raízes sérias no Exército e

na Marinha, como Agildo Barata, Miguel Costa. O tenentismo tinha uma ala integralista, próxima ao nazismo, fascismo, salazarismo, e outra ala que tendeu para a esquerda, com militares e intelectuais como Caio Prado Jr., com tendências socialistas mas não stalinistas, como Paulo Emílio, Antonio Candido e Decio de Almeida Prado, pessoas da elite brasileira. Assim como a revolução russa veio dos filhos da direita, por aqui a esquerda nasceu da elite (*risos*).

A Revolução Russa fez agora 100 anos. Você viveu quase esse século todo. Como vê agora, em pleno centenário da revolução, o recrudescimento mundial da extrema direita?

Me lembra muito 1939. As bactérias estão aí. Dependendo da situação, podemos ter coisas piores. Vejamos aí essa briga entre Coreia do Norte e EUA. Se perdermos a ONU, como aconteceu com a Liga das Nações nos anos 1930, o pau vai comer. É um perigo grande. A política não é uma ciência, é uma arte. A economia política tem possibilidades e probabilidades, mas não tem certezas. A economia tem um processamento próprio, e quando você a violenta por imposições de vontade, você a leva ao que os regimes stalinistas comprovaram: a estatização não funciona. Veja a Cuba de hoje e a Cuba do início da revolução, veja a China de hoje e a de Mao. Não é um reacionário falando, são lições da história.

Por que você se tornou editor?

Nunca foi meu objetivo. Nunca tive um objetivo muito fixo. Quando jovem, para desgosto dos meus pais, não conseguia me fixar em nada. Era uma juventude muito errática. Meu objetivo foi sempre vagar entre a política, a literatura e a filoso-



O editor Jacó Guinsburg com a esposa Gita, no apartamento do casal, em São Paulo.

fia. Sempre gostei de história e fui muito mal em matemática. Era um curioso, e recebia o impacto dos amigos. E a curiosidade porosa te leva para lugares imprevistos. Às vezes uma palavra que você esqueceu é mais importante, te impulsiona para outra direção, do que longos papos sobre Hegel, Kant, Rousseau, Diderot. Não era isso o que eu queria, nem ser editor nem jornalista. Mas depois de ser aluno do Liceu de Artes e Ofícios e ter trabalhado com lima e torno, ter sido tecelão, vendedor de coisas de ferro velho e mais uma porção de outras coisas — e nada disso ao mesmo tempo —, acabei com um amigo meu, de família brasileira, que havia perdido tudo em 1929, vendedor na livraria Brasiliense, chamado Edgar Pato Ortiz Monteiro, parente do Monteiro Lobato.

Você levava uma vida boêmia?

Eu frequentava os brechós, os botecos e as reuniões comunistas. Um dia Edgar e eu resolvemos fazer uma editora, sem como nem porquê. Não tínhamos onde cair mortos. Ele

tinha um primo, Carlos Ortiz, sacerdote, meio de direita, mas que no fim da guerra sofreu uma conversão à esquerda, largou a batina e escreveu *O romance de um pároco*. Mais tarde virou crítico de cinema da *Folha de S. Paulo* e impulsionou o cinema dos anos 1940 no Brasil. Sabia latim, grego, hebraico e alemão. Eu só sabia um pouco de francês, que estudei com Freitas Vale, dono da Vila Kirial, na Vila Mariana. Comecei pela *Chanson de Roland*. Então editamos pela Rampa quatro livros: uma *Antologia judaica*, porque era uma literatura que havia sofrido um grande massacre, *Joias do conto iídiche*, a primeira antologia de literatura iídiche no país, *A mãe*, de Sholem Asch, autor de

Nazareno, que escrevia em iídiche, e os *Contos* de I.L. Peretz.

Qual a diferença entre publicar hoje e nos anos 50?

Nunca trabalhei com estatísticas. Publicar é uma missão. Que não é fácil. Não é vontade de ser mártir. Até tenho uma ponta sodomita (*risos*). Mas não tenho vontade de sofrer um calvário. O panorama hoje é diferente, muito melhor. Não há comparação. Temos classes malformadas, mas temos níveis de excelente formação. Houve uma falsa democratização com a banalização dos currículos universitários. Ter um rapaz formado em escola pública ganhando o “Nobel em matemática”, como o >>>



Artur Ávila, não existia. No máximo tínhamos o Ruy Barbosa ensinando inglês para ingleses. A literatura hoje explodiu. Nos anos 1950 o conceito de literatura era muito mais severo. Hoje qualquer cara que ejacula duas ideias registra esses pensamentos, e aí sai muita porcária, muita bobagem. É preciso peneirar. Só que não podemos olhar essas porcarias só por conceitos estéticos, e sim pela lente sociocultural. Quem salva isso? O pensamento crítico, que deve obedecer parâmetros que devem ser respeitados. O problema é o Estado. Como esse governo destina somas fabulosas para propinas mas não tem recursos para educação? Quando invertermos o orçamento a favor da educação, saímos dessa.

Como você, um homem de esquerda, vê um líder como Lula?

Só posso ver o que homens como Helio Bicudo e outros viram. Não durmo com o Lula. E quanto às fés religiosas, posso dizer que fui stalinista, então conheço bem a dose. Quem poderia ser oposição a Stálin foi morto. Falo isso tranquilamente porque fui dessa corrente. Tudo isso julgávamos válido em nome da revolução que libertaria a humanidade. A política é a arte dos homens que a fazem. Nós pensamos e falamos. Normalmente os processos políticos obedecem a uma gangorra. E não é um homem salvador que vai conseguir conciliar as necessidades econômicas com os direitos individuais. A direita tentará o tempo todo se mascarar de esquerda, aliás já vimos isso acontecer. Quantas pessoas foram ouvidas na Lava Jato? E todos se declararam

“Meu objetivo foi sempre vagar entre a política, a literatura e a filosofia.”

inocentes. E qual a criatura mais honesta de todas? (*Risos.*) Então o que você quer? Tenho a maior admiração pela carreira do Lula. Mas essas relações promíscuas já existiam antes, com as montadoras. Sendo presidente de novo vai resolver? Tudo bem, todo mundo precisa se segurar em algum lugar. Precisamos de um cabide. Não creio que um homem como o Suplicy não saiba dessa coisa deles que eu estou dizendo. Duvido que boa parte de pessoas extremamente inteligentes não saibam o que aconteceu com o PT. É uma opção. Homens de partido de esquerda se tornaram expoentes da direita, e dos piores. Será que é tudo uma armação? Uma das figuras dos *Thibaut* vira livre-pensador e defende Dreyfuss. Aos 50 anos, tem dúvidas religiosas de novo, aquele universo ressurgiu dentro dele e volta a ser um católico conservador. E escreve: “Peço que não creiam em qualquer coisa que eu diga daqui pra frente”. A religião da esquerda deveria ser a crítica! O radicalismo político sempre tem uma ponta de fundamentalismo. Hoje nem me vejo como um homem de esquerda. Estou à direita da esquerda e à esquerda da direita. Não me sinto à vontade em nenhum lugar.

Parece que sempre que falamos de editar livros acabamos caindo na política.

Sim, voltemos, é mais higiênico. (*Risos.*) Hoje vejo com felicidade o vicejamento de uma infinidade de pequenas editoras ao lado de grandes grupos. Temos uma nova classe letrada, com um contingente muito grande de pessoas saídas das humanidades, que inclusive procuram a edição como possibilidade de mercado. Pessoas como o Luiz Schwarcz e outros conseguiram uma coisa que o Ênio da Silveira e o Octalles Marcondes tentaram. É possível a existência de grandes editoras criando livros de alta qualidade. A internet demonstrou a existência de um público mais amplo do que se supõe. O que se vê nas editoras, nas livrarias e nas vendas diretas. Títulos que não circulavam, cujos estoques eram enormes, agora estão circulando, com a internet. Algum público existe. Veja o que aconteceu com o Uber no Brasil. Tem aí uma porção de aplicativos. É isso. A Amazon traz um modelo, vem aquela gritaria, depois as pessoas competem.

Que acha da política do preço fixo?

Não sei. O preço variável não me parece boa coisa. Toda a minha vida trabalhei com preço fixo. Vendo para a Amazon pelo mesmo preço da Livraria Cultura. Antigamente eram 50% para o distribuidor e 30% para a livraria. Hoje damos 50% para a livraria. Temos o custo da realização do livro, direitos autorais, edição, preparação, arte, impressão, papel. Que lucro vou ter nisso? Sem falar no imposto de 30%. Se tiver que pagar direitos para fora, tem tradução. É uma loucura ser editor! Mas a loucura sempre foi construtiva. Os canais de Suez e do Panamá foram loucuras. Santos-Dumont era meio doído. Há um dado de obsessão na busca por um objetivo. Você não vai ganhar dinheiro com o livro. Há um dado psicocultural importante. Quero ser editor e vou ser.

Gosta de e-book? O que tem lido?

Não tenho mais olhos para ler, mas o e-book é um instrumento válido. Não vai desbancar o livro, pelo menos por ora. Leio relativamente pouco. Tenho lido um livro da Perspectiva. Uma peça de Haroldo de Campos, *Graal*. Li o recente de Umberto Eco, *O enigma de Spinoza*, fraco como romance, mas muito interessante como ideia.

O que é um bom texto literário?

É o texto que me agrada, que me desperta completamente, iluminação, ampliação do meu conhecimento.



Qual o maior livro que publicou?

O primeiro conto do Issac Bashevis Singer, “O Judeu da Babilônia”, em 1948. Ele era absolutamente desconhecido e o editei naquela antologia da Rampa. [Umberto] Eco foi uma grande aposta, *Obra aberta* ainda vende muito. *A personagem de ficção*, com Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Anatol Rosenfeld e Paulo Emílio Salles Gomes, um grupo que eu reuni, me orgulho muito de ter publicado. Foi um grupo muito frutífero em São Paulo e nas letras. Haroldo era uma figura extraordinária, tanto na poesia quanto na filosofia. Fomos amigos e me interessei por ele tanto quanto Anatol, também muito meu amigo, com quem tivemos um curso toda segunda durante 14 anos — um judeu alemão de esquerda de pensamento muito aberto e erudição extraordinária, grande semeador de ideias, como Vilém Flusser.

De que se arrepende?

De não ter editado todos os livros que os outros editaram, como *O nome da rosa*, de Eco. Tenho dor de cotovelo, inveja, até hoje (*risos*). Vejo um livro bonito e penso que eu queria ter editado. Mas continuo na ativa. Depois que fiquei doente, com um problema de pulmão, dei uma parada, mas trabalhava todo dia. Meu problema é a irremediável *vecchiabìa*. Enquanto ela deixa, vou traduzindo um livro de um autor francês sobre Maria Knabel, discípula de Stanislavski. Sempre o teatro!

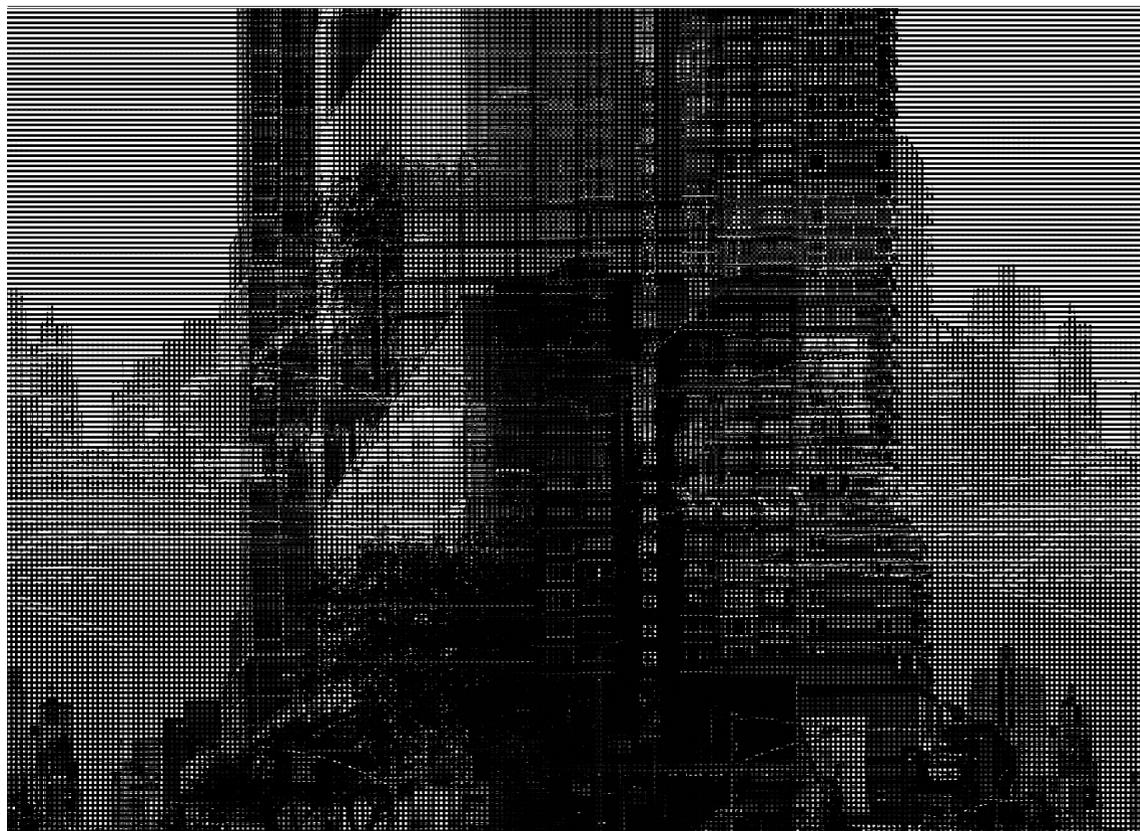
Quais os grandes livros que você leu?

Jean Cristoph, de Roman Rolland. *Os Thibaut*, de Roger Martin Du Gard. *Dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed. *Dom Casmurro*, de Machado, continuo muito interessado em entender o que de fato aconteceu com a senhora Capitu (*risos*). Todo o jogo de ocultação e revelação é fascinante. *Os sertões*, do Euclides da Cunha, principalmente a terceira parte, “A luta”, onde não só revolucionou a linguagem literária, porque tem um cabedal fantástico, mas a maneira de contar. Mas era um doido. Um cara desafiar o melhor atirador do exército? E não foi só por amor. Era um sujeito patológico. E não foi um marido ideal. Como é que um homem que abre um novo caminho na literatura pode ser de uma estreiteza brutal nas suas relações pessoais? O que ele entendeu do sertanejo não entendeu da mulher... Mas quem é que entende? (*Risos*.)

Você é um homem esperançoso?

E quem não é? Todo mundo espera viver o dia seguinte. Sorte é uma coisa de que todos andam atrás e poucos recebem. O jogo é sempre muito mistificado e muito duro. A sorte grande eu não tive, mas sortinhas sim. Garanto que o resultado não foi tão bom quanto a encomenda (*risos*). Freud tinha razão: quando pedimos, não somos nós que pedimos; internalizamos os impactos que recebemos, e os transformamos em pedidos. Vamos almoçar? ■

> NA PRÓXIMA EDIÇÃO, ENTREVISTA COM LUCIANA VILLAS-BOAS.



RAMBÔ!

não se fazem mais poetas
como antigamente, li por aí

não contasse eu tantos invernos
te proporia amor e amizade
faria temporada no inferno
— a walk on the wild side

nossos versos entre putas,
travestis, michês e lambisgoias

nas costas
cada um com sua cruz machado

depois, sairia de cena
os dias entre noias
nos fundos da catedral

até amputarem o poema

Capitolina das araucárias,
oblíqua e dissimulada,
não sei que fluído misterioso
percorre esta aldeia.

Na espera por um Bentinho,
que não veio,
Nelsinhos não faltaram.

CANTO DA CHUVA

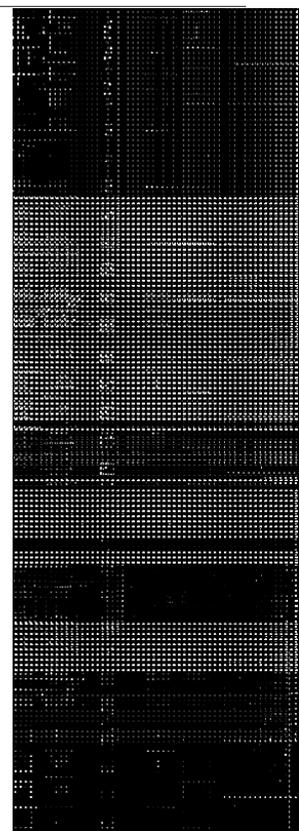
chovia
já não chove mais

brilha agora o sol
sobre as calçadas lavadas

das copas das árvores
sobe a cantoria dos pardais

só nós guardamos silêncio
o silêncio escuro de quem vive

como mortos
enterrados
nos próprios quintais





AI DE TI, CURITIBA

ai de ti, Curitiba,
já vi tuas abominações
teus rinchos abafados
a dureza de teu coração
e a enorme idade
de tua prostituição

para cá assomaram
pássaros e ritos
amalgamaram-se
raças, lendas,
farsas e crenças

ai de ti, Curitiba
cidade furtiva
desvela teu rosto
ornado de soberba e lambrequins
teu rosado pedigree
nem as calçadas de petit pavê
suportam mais

ai de ti, Curitiba
cidade esquiva
sem compaixão
agrides o que não te agrada

acaso deve o etíope
mudar sua pele
ou o leopardo suas manchas
para que aceites a ti mesma?

Haiti, Curitiba
Haiti, Curitiba
Haiti, Curitiba

 **Marcelo De Angelis** nasceu em Porto Alegre (RS) e vive em Curitiba (PR) desde 2007. É editor da Revista *Gilda*, de poesia e literatura, e é autor de *Inventário de rumores e quimeras* (poemas, 2016). Os textos publicados pelo **Cândido** integram o mais recente livro do escritor, *Cidades de Curitiba* (Kotter Editorial), que será lançado no primeiro semestre deste ano.



POEMA | PRISCILA MERIZZIO

Ilustração: **Caco Galhardo**

Você não inventou Paris
Mesmo assim, ela habita em seus seios,
Que o jovem namorado tocou. Você
Foge da chuva e se abriga nas músicas
Antigas. Anda de trem em trem, troca de vagões,
Troca de pernas. Faz parte do cenário
Paris te inventou, para no outono se encolher
No seu rosto translúcido
O professor de italiano te projetou musa
Você recusou. Pois, as musas são xícaras
Bonitas que perdem a utilidade com o tempo

Em vez da língua dos amantes, fugiu sobre as águas.
Sua mãe morreu nas águas. Ela deu pedras
Aos pássaros. Depois, fincou-lhes uma estaca
Nos pulmões. Pesos mortos, colocou-os nos
Bolsos e mergulhou batendo as asas.
Você só quer ser marítima.
June, os homens que te amam sentem
Ciúme das suas tragédias. Da sua auréola
Triste: elas te dão o aval de toda grande poeta
As panteras são mais raras do que os anjos.

 **Priscila Merizzio** nasceu e vive em Curitiba (PR).
Publicou os livros de poemas *Minimoabismo* (2014,
semifinalista no Prêmio Oceanos) e *Ardiduras* (2016).

